

**A Evangelização Carismática Católica na Universidade
O sonho do Grupo de Oração Universitário**

Universidade Federal de São Carlos
Centro de Educação e Ciências Humanas
Programa de Pós-graduação em Ciências Sociais

**A Evangelização Carismática Católica na Universidade
O sonho do Grupo de Oração Universitário**

EDUARDO GABRIEL

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Ciências Sociais do Centro de Educação e Ciências Humanas da Universidade Federal de São Carlos, como parte dos requisitos para obtenção do título de Mestre em Ciências Sociais.

São Carlos
2005

**Ficha catalográfica elaborada pelo DePT da
Biblioteca Comunitária da UFSCar**

G118ec Gabriel, Eduardo.
A evangelização carismática católica na universidade: o
"sonho" do Grupo de Oração Universitário / Eduardo
Gabriel. -- São Carlos : UFSCar, 2006.
99 p.

Dissertação (Mestrado) -- Universidade Federal de São
Carlos, 2005.

1. Sociologia da religião. 2. Catolicismo. 3.
Evangelização. 4. Universidades e faculdades. I. Título.

CDD: 306.6 (20^a)

Dedico este trabalho à memória de meu avô
Francisco Antonioli,
pelo exemplo e carinho eterno

*“O Homem do Conhecimento não precisa somente amar seus inimigos, precisa também poder odiar seus amigos.
Paga-se mal a um mestre, quando se continua sempre a ser apenas o aluno”.*

Friedrich Nietzsche

Agradecimentos

Especial e sincero agradecimento aos meus amados pais, Paulo e Fátima, dos quais sempre recebi um grande carinho, compreensão e incentivo em toda minha formação. Minhas conquistas são os resultados de todo amor e ternura que sempre recebi deles. Agradeço aos meus irmãos, Alexandre e Carolina, pela estranheza de terem um irmão sociólogo.

À minha querida avó Genoveva, pela preocupação contínua com seu neto *Dudu*, que sempre está viajando, mas quando chega, encontra um delicioso cafezinho de vó pronto. Agradeço também à minha querida avó Maria, pelo carinho sempre recebido, mesmo eu estando um pouco distante. Aos meus tios Vera e Francisco, pelo apoio constante e presença em todas essas conquistas.

Ao querido casal de amigos, Fernando Koyama e Luciana, pela sincera e eterna amizade, imenso apoio e também pelo grande presente que deles recebi: ser padrinho da pequena notável Giovana, minha afilhada muito amada.

Ao grande amigo André Henrique, com quem ao longo destes dezessete anos de amizade compartilhei meu aborrecimentos, conquistas acadêmicas e vários litros de pinga em caipirinha, inclusive a primeira embriaguez; meu agradecimento pela amizade sincera cultivada em todos estes anos.

Ao grande amigo Jonatas Garcia, cronologicamente mais jovem, mas com grande conhecimento sobre a vida, com quem muito aprendo; pelas lutas e sonhos que realizamos no congresso que organizamos, uma lição para a vida que tivemos em nossa juventude.

À memória do Prof “Turcão”, que me deu a grande chance de toda minha vida escolar: uma bolsa de estudos no Ensino Médio do Liceu, uma confiança depositada em mim, ações daqueles que são verdadeiramente Educadores.

Ao amigos professores que lá tive: Prof Telles, sociólogo, de quem ouvi com quinze anos de idade as primeiras palavras sobre a estranha coisa chamada Sociologia. Devo a ele a feliz e imperdoável culpa por ter despertado em mim o magnífico achado das ciências sociais. Ao grande amigo Prof Brólio, geógrafo, um notável educador preocupado com a melhor formação escolar dos jovens; pelas conversas no centro de Piracicaba, no supermercado, ao telefone e em sua casa, momentos descontraídos de grande aprendizado que guardarei sempre.

À querida turma de amigos “Os Legais”: Andréa (“Beijos no seu coração”), Mariana Camargo (I love you chuchu), Evelyn, Ana Carolina, Mariana Pavan, Paulo, Eduardo (Gump), Felipe, Maurice e Ralcyon; pela paciência com minhas chatisses sociológicas no e-groups, e também pelas sinceras amizades.

Aos amigos do Alojamento Estudantil da UFSCar (Bloco 27): Jason, Rui, Marcelo, Flávio, Marcos, Rogério, Misael e Rafael; pelos grandes momentos de alegria, brigas, discussões, episódios inusitados (coisas que só acontecerão

em república), que ficarão marcados na memória e na amizade que cultivamos até hoje.

Às vizinhas de alojamento, as meninas do Bloco 24, especialmente Fernanda, Juliana e Alessandra; pelos cafés, aniversários, almoços, pipocas, brigadeiros, etc, regados com conversas, e muitas risadas, uma diversão sempre.

À querida amiga Ana Elisa, companheira do curso de ciências sociais e mestrado, uma pesquisadora de garra em relações raciais; também moradora do Bloco 24, pelos estudos e seminários juntos, e também pelo carinho fraterno sempre compartilhado.

À estimada amiga Claudirene, companheira em pesquisas de sociologia da religião, pela ajuda e dicas de uma verdadeira pesquisadora que ama o que faz.

Aos grandes amigos que guardo desde os tempos de escoteiro: Gabriel Duarte, Francisco (Chicão), Gustavo, Ricardo e Eduardo Muraoka, Vitor, Ramon, Juliano, Marco Aurélio, Rodrigo, Ivan, pela amizade verdadeira e paciência com este amigo *Dulão*.

Aos chefes escoteiros (Mestres Pioneiros), o casal Lurdinha e Delmir Meneghel, que sempre se dedicaram à causa do Movimento Escoteiro, ensinaram-me muito sobre o escotismo, um apoio sempre presente, um exemplo pessoal que deles recebi. Ao chefe Nery, pela paciência comigo nos anos de adolescência rebelde, coisas de quem só possui experiência de vida pode fazer. A eles, que sempre me acolheram como um filho, muito obrigado.

Ao casal de amigos Ebe Matos e Chico, amigos da distante Taubaté, que sempre me acolheram e hospedaram com imenso carinho; pelo pretexto do cachorro-quente, que embalava conversas, lições e alegrias compartilhadas.

À querida Profa Sílvia Schumacher, que me ensinou Língua Portuguesa na 6ª série do antigo Ginásio, e que, depois de tantos anos, através de um feliz reencontro, ajudou-me novamente com as correções e revisão deste texto de dissertação. Registro minha imensa gratidão e carinho.

Às professoras do Departamento de Ciências Sociais: Marina Cardoso, Maria Moraes e Inês Mancuso, exemplos de autênticas pesquisadoras e professoras em ciências sociais que tomarei como referência para minha formação.

Ao amigo e orientador Prof Paul Freston, pela alegria de ser orientado nestes últimos cinco anos; pela confiança em meu potencial de um aprendiz de sociólogo da religião. O Prof Freston, além de uma referência na produção de conhecimento em sociologia da religião, é uma referência como postura de pesquisador que tomo para minha formação de pesquisador. Muito obrigado.

À Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de São Paulo – FAPESP, pelo importante financiamento para o desenvolvimento desta pesquisa.

Resumo

O estudo realizado por esta pesquisa apresenta as principais forças religiosas na dinâmica da evangelização católica carismática na universidade. O grupo responsável por esta atividade evangelizadora é o Grupo de Oração Universitário – GOU, que tem como organização nacional o Projeto Universidades Renovadas – PUR, como um dos ministérios da Renovação Carismática Católica - RCC no Brasil. Em meado de 1990 um estudante carismático da Universidade Federal de Viçosa, diz ter tido o “Sonho” de ver a universidade cheia da doutrina de Jesus, durante uma tarde em que rezava no seu quarto. No Seara de 94 (retiro de carnaval da RCC de Viçosa), este estudante organiza um seminário intitulado “RCC e Universidade”, onde apresentou as primeiras idéias de grupos de oração na universidade. Este é o marco inicial do Grupo de Oração Universitário, que está presente hoje em todo o país com mais de 700 GOUs nas mais diversas universidades públicas e privadas, e já presente em alguns países da América Latina. A presente pesquisa busca descrever o significado social deste “Sonho” de evangelização no meio acadêmico, e as conseqüentes disputas de poder religioso que são produzidas no interior da própria RCC. Deve-se destacar que o GOU tem sido um notável espaço de sociabilidade dos universitários carismáticos, e também tem fornecido pessoal de formação especializada para as comunidades da RCC.

Palavras-chaves: Renovação Carismática Católica, Universidade

Abstract

The study carried by this research shows the main religious strengthens in the charismatic catholic protestant dynamic in the university. The responsible group for this protestant activity is *Grupo de Oração Universitário* – GOU (University Pray Group) which has as national organization *Projeto Universidades Renovadas* – PUR (Renewed Universities Project) as one of the ministries of *Renovação Carismática Católica* – RCC (Catholic Charismatic Renewal) in Brazil. In the beginning of 1990 a charismatic student from *Universidade Federal de Viçosa* (Federal University of Viçosa), said to have had a “dream” of seeing the university full of Jesus’ doctrine while he was praying in his bedroom. At *Seara* of 94 (Viçosa RCC Carnival Camp), he organized a seminary named “RCC and University” where he showed the pray groups’ first ideas in the university. This is the initial landmark of the *Grupo de Oração Universitário*, which are presented all over the country with more than 700 *GOUs* in a lot of private and public universities, and it is already present in some Latin American countries. This current research tries to describe the social meaning of these protestant “Dreams” in the academic environment and the consequent religious power disputes which are produced inside RCC. It must be detached that GOU has been a notable space for the charismatic universities socialization and also has provided specialized majored people to the RCC communities.

Key-Words: Catholic Charismatic Renewal, University.

Sumário

Páginas

Introdução	11
Capítulo 1	
Campo Religioso Brasileiro: Enquadramento do Catolicismo.....	17
Capítulo 2	
Renovação Carismática Católica.....	26
Capítulo 3	
Grupo de Oração Universitário: Será um “sonho”?.....	38
Origens do Grupo de Oração Universitário.....	41
Estrutura e desenvolvimento do “sonho” do GOU.....	47
Capítulo 4	
O “sonho” do GOU no cotidiano da universidade.....	63
Dilemas da evangelização carismática na universidade: perfil de um identidade religiosa, reconstrução dos laços familiares, uma resposta acadêmica e a projeção político-social.....	67
O “sonho” do GOU além-fronteiras.....	84
Conclusão	91
Bibliografia	94

Introdução

Nos últimos quarenta anos a Igreja Católica vem passando por um processo dinâmico de reconfiguração de seus parâmetros na atuação e presença de fé no meio social. O marco inicial deste processo é o Concílio Vaticano II (1962-1965). Este evento lança as bases do chamado *aggiornamento* (atualização) da Igreja. O elemento central deste momento pós-conciliar passa a ser o fiel leigo. Esta nova configuração católica com ênfase na atuação do leigo pode ser observado em dois movimentos distintos: nas Comunidades Eclesias de Base (CEBs) e na Renovação Carismática Católica (RCC). Mais do que simples formas distintas da prática católica, a observação detalhada destes movimentos pode nos ajudar a compreender como a própria Igreja Católica vai se adaptando e fornecendo respostas religiosas aos temas sociais em momentos históricos distintos.

A experiência das CEBs, que teve seu auge no final da década de 60 e estende-se até o início dos anos 80, hoje já não é possui força no interior da Igreja Católica. A Teologia da Libertação, principal base de orientação para a religiosidade das comunidade de base, não vigora com o mesmo espírito militante de mobilização das bases. A relação fé e vida que propunha as CEBs, especialmente a “opção preferencial pelos pobres”, parece não ser tão mais significativo e centralidade.

Se as CEBs chegam ao final do século XX com um completo processo de esvaziamento, num sentido oposto encontra-se a RCC. Cada vez mais visível, a religiosidade católica carismática tem se mostrado razoavelmente ágil em respostas às necessidades dos seus fiéis e capaz de se adaptar e competir por espaços num contexto religioso amplamente plural, especialmente em se tratando do Brasil.

Com origem nos Estados Unidos no final dos anos 60, a experiência religiosa renovadora surgida no chamado “Final de Semana de Duquesne” em fevereiro de 1967, se alastrou rapidamente pelos cinco continentes. Se religiosidade carismática tem sido uma expressiva forma de relacionamento do catolicismo com a sociedade moderna, torna-se interessante observar os novos espaços de evangelização em que a RCC tem conquistado, sendo um deles o interior das universidades. Supostamente isto poderia parecer como sendo nada inovador, pois a origem da RCC foi no interior de uma universidade – Universidade de Duquesne em Pittsburgh, Pensilvânia. Porém, a mensagem de Duquesne não tratou de propor uma evangelização para o contexto universitário especificamente, pois o elemento central deste evento foi o chamado batismo no Espírito Santo. A referência primordial da difusão carismática é a passagem bíblica narrada nos *Atos dos Apóstolos*: “*Mas descera sobre vós o Espírito Santo e vos dará força, e sereis minhas testemunhas em Jerusalém, na Judéia, Samaria e até os confins do mundo*”(At 1,8). Esta passagem traduz a identidade do todo movimento carismático, o centro da ação é Espírito Santo. Neste sentido, o processo de renovação que deverá ocorrer no catolicismo, segundo esta nova

perspectiva de fé, passa necessariamente pela experiência pessoal que cada católico terá ao entregar-se às ações transformadoras do Espírito Santo por meio da oração.

A RCC chegou ao Brasil no início dos anos 70. Sua trajetória no Brasil é marcada por oscilações de apoio e conflitos no próprio interior do catolicismo brasileiro. A primeira manifestação oficial da hierarquia católica só ocorreu em 1994 com o documento *Orientações Pastorais sobre a Renovação Carismática Católica*, da Conferência Nacional dos Bispos do Brasil (CNBB). A significativa demora da manifestação da hierarquia católica brasileira dá-nos a idéia do quão cauteloso é o trato sobre a religiosidade carismática, por parte da hierarquia da Igreja Católica.

A consolidação e expansão da RCC no Brasil em um curto período de tempo é espantoso. As principais características sobre o fenômeno carismático tem sido abordado em vários trabalhos acadêmicos (ver Benedetti, 1988; Machado, 1996; Prandi, 1997; Miranda, 1999; Carranza, 2000; Martins, 2003; Mariz, 2004, entre outros). Aspectos como a estrutura organizacional da RCC, ênfase num catolicismo pentecostal, especificidade na devoção mariana, atuação na mídia, dimensões de representação política da RCC, etc, estão presentes nos trabalhos referidos acima. Esta pesquisa pretende-se, em diálogo com as principais obras sobre a RCC, colaborar para a discussão de um importante aspecto ainda não abordado: a evangelização católica carismática nas universidades.

Em 1994, na Universidade Federal de Viçosa houve o início de um trabalho de evangelização católica carismática voltado especialmente para o público universitário. Durante um retiro carismático que acontece tradicionalmente no período do carnaval em Viçosa, Fernando Galvani, universitário desta instituição e de atuação na liderança carismática da cidade, organiza um seminário chamado “RCC e Universidade”. Este momento marca o início do Projeto Universidades Renovadas (PUR), que através dos Grupos de Oração Universitários (GOUs) espera anunciar Jesus Cristo na universidade pela oração ao Espírito Santo.

Deve-se sublinhar os antecedentes deste momento. O PUR nasceu de um “sonho” tido por Fernando Galvani. Rezando diante de um quadro da cidade de Jerusalém que havia em seu quarto no alojamento estudantil, “naquele momento Fernando sentia um desejo imenso de ver a Universidade de Viçosa repleta da doutrina, do amor de Jesus, que mal podia caber em seu coração” (Santos, 2004:61).

Que “sonho” de evangelização católica carismática na universidade foi este? Esta é a pergunta fundamental que esta pesquisa tentará responder. Com uma trajetória já constituída de 10 anos, é possível lançar uma observação atenta deste “sonho” a partir do ponto em que surgiu, sua rápida consolidação e expansão, até seu atual estágio e também as projeções para o futuro.

Para apresentar tal análise, dispomos de um material de pesquisa com treze entrevistas¹ abertas entre lideranças, coordenadores e universitários que participam dos GOUs. A pesquisa de campo consistiu na observação participante: GOU “Jesus Vive” da UFSCar; evento estadual – Encontro Estadual de Universitários Católicos Carismáticos (EEUCC) em Franca; evento regional – Encontro Regional de Universitários Católicos Carismáticos (ERUCC) em Rio Claro; evento virtual – Encontro Virtual de Universitários Católicos Carismáticos (EVUCC – *chat*); Dia de Louvor Universitário em Araraquara. O Jornal de Partilha On-line disponível na *website* do PUR também foi uma fonte importante de pesquisa. Por fim, grande parte das informações foram extraídas dos dois principais registros do próprio movimento: o livro *Daí-Ihes vós mesmos de comer*, da jornalista Ivna Sá dos Santos², e a monografia *Há fé na terra da razão*, da jornalista Ariana Virgínia Pereira³.

O presente texto está organizado da seguinte maneira: no Capítulo I, *Campo Religioso Brasileiro: Enquadramento do Catolicismo*, expõem-se as principais configurações da realidade religiosa plural do Brasil. Destacar-se-á a porcentagem de católicos na população brasileira pelos dados do Censo/IBGE, além das principais reflexões sobre o catolicismo brasileiro. Este capítulo terá a função de situar o objeto deste estudo no contexto religioso brasileiro. No Capítulo II, *Renovação Carismática Católica*, são apontadas as principais características da RCC, suas origens e desenvolvimento, até sua chegada ao Brasil. Capítulo III,

¹ Os depoentes serão apresentados com pseudônimos para preservar suas identidades.

² Uma das universitárias presentes no Seminário “RCC e Universidade” em 1994.

Grupo de Oração Universitário: será um “sonho”?, está apresentado os dados sobre as origens, estrutura e desenvolvimento do GOU. O Capítulo IV *O “sonho” do GOU no cotidiano da universidade*, tratará de reunir os depoimentos dos universitários que fazem parte e mantêm o “sonho” carismático na realidade das universidades. Na *Conclusão*, esperaremos ter respondido, de maneira sintética, a questão central deste estudo.

Se a trajetória desta pesquisa pode ser apresentada sinteticamente neste texto, deve-se destacar que foi necessário um longo percurso de aprendizagem anterior que teve uma combinação de acertos e erros. Embora isto seja uma constatação aparentemente óbvia, a obrigação de reorientar os rumos de uma pesquisa não foi tarefa simples. Por isso, cautela na análise e esforço de observação perpassam as entrelinhas do texto que segue.

³ Atual coordenadora do PUR no Estado de São Paulo.

Capítulo I

Campo Religioso Brasileiro: Enquadramento do Catolicismo

Os fluxos da evangelização na universidade não estão deslocados das dinâmicas religiosas mais gerais da sociedade brasileira em si. Portanto, entender os sentidos da prática religiosa no interior do meio universitário implica uma necessária olhada do campo religioso brasileiro. Não estamos sugerindo simplesmente que todos os efeitos dos conflitos religiosos na sociedade brasileira são reproduzidos em maior ou menor escala dentro da universidade. Há uma correspondência, mas é preciso ressaltar a especificidade que a universidade representa enquanto espaço de parâmetros científicos e valores de conhecimentos definidos. A “porta de entrada” e a “porta de saída” do fenômeno religioso na universidade não são as mesmas. Este capítulo tratará de apresentar o panorama religioso brasileiro como formação de uma identidade religiosa no Brasil. Buscar-se-á sintetizar algumas análises a partir dos dados censitários e também o que a bibliografia sobre o fenômeno religioso tem sugerido sobre a função da religião na sociedade contemporânea.

O Brasil é um país de 73,8% de católicos, 15,5% de evangélicos, 7,0% de “sem-religião”, 3,6% correspondente à categoria “outros”. Estes dados são do Censo 2000. Como interpretar estes dados? O que eles sugerem? Que preocupações eles traduzem? Há um certo consenso nas explicações dos

especialistas. Pode-se resumir que as análises apontam para o fato do paulatino declínio católico, ao mesmo tempo o contínuo crescimento dos evangélicos e “sem-religião” (ver Carranza, 2005; Pierucci, 2004; Souza, 2004; Antoniazzi, 2004). O Brasil ainda é um país católico. Três quartos da população brasileira declaram-se como católicos. Se a religião, como sugere Durkheim, é um sistema de forças, cabe-nos pensar qual força está sendo testada neste contexto. Sabe-se, num certo sentido do senso comum, que a maior força está naquele que concentra maior energia. Logo, o que estamos sugerindo é que as análises referentes aos dados do último censo convergem os olhares para o *status* declinante da hegemonia católica. Apesar do significativo e inegável avanço dos evangélicos, não só enquanto porcentagem da população brasileira, mas também como estrutura institucional, presença maciça nos meios de comunicação, expansão internacional, etc, o que se observa é que o referencial das análises persiste na focalização da Igreja Católica.

É curioso observar em algumas análises o esforço de remeter as explicações deste contexto de acentuado desprestígio católico a fatos de tempos de maior visibilidade da Igreja Católica, para uma clara tentativa de reavivar a memória de um passado triunfante:

“É inquestionável que a Igreja Católica como instituição, vive uma conjuntura menos aberta do que aquela do imediato pós-concílio e dos tempos entre Medellín e Puebla [...] em 1968, a Igreja latino-americana, no clima da época, esteve à frente na consciência crítica da realidade. O Brasil desempenhou então um papel decisivo” (Souza, 2004:88).

A interpretação de Pierucci parece alinhar-se à crítica deste prisma revisionista que perdura na constatação do campo religioso brasileiro:

“O catolicismo no Brasil diminui de tamanho, mostra o Censo Demográfico de 2000. O exato seria dizer que mostra isto uma vez mais, como aliás tem feito sempre, compassados intervalos regulares de dez anos um declínio que é constante, persistente, e que por mal dos pecados, a despeito de todos os esforços em contrário das autoridades eclesíásticas e de uma sempre rejuvenescida militância católica, parece impor-se ao catolicismo brasileiro como um fado: inexorável” (2004:18).

Souza (2004) tem uma certa dose de razão em sua análise. No momento pós-conciliar, em 1970 o Brasil possuía 91,8% de católicos. Isto corrobora o papel decisivo que o Brasil pôde desempenhar na época. Mas Pierucci (2004) avança ao bem lembrar a demonstração constante da diminuição de tamanho de catolicismo brasileiro: 89,0% em 1980, 83,3% em 1991 e 73,9% em 2000, dados que Souza parece propositadamente não querer frisar.

Se recorremos ao clássico estudo de Candido Procópio (1973), vemos também esta tendência de um processo declinante do catolicismo brasileiro. Conforme demonstrado por ele, utilizando-se também os dados do censo demográfico, em 1940 a porcentagem de católicos era de 95,2%, em 1950, 93,7%. Os evangélicos eram 2,6% em 1940, 3,4% em 1950, e os “sem-religião” 0,3% em 1940, 0,5% em 1950. Candido Procópio constata: “há indícios de que a dinâmica das religiões no Brasil, nas décadas de 40 e 50, deve ter provavelmente mantido tendência idêntica até o presente, acentuando-se os padrões diferenciais

de crescimento” (1973:19). Para Pierucci: “as tendências registradas no início da década de 1970 pela equipe de Candido Procópio estão sendo confirmadas pelo censo 2000 [...] o catolicismo em declínio, os pentecostais e os sem religião em escalada” (2004:19). Já para Pierre Sanchis, “hoje o catolicismo constitui cada vez mais uma das religiões, entre outras, dos brasileiros, e num movimento diversificador que se acelera” (2001:10).

Um importante elemento que deve ser equacionado para pensar o campo religioso brasileiro, num sentido geral, é o próprio contexto das tendências guardadas no bojo da sociedade moderna. Resultado disto nas expressões religiosas é o processo de secularização, como formulação weberiana. O que está colocado à prova nas sociedades modernas é o componente institucional das religiões. Para Peter Berger, “por secularização entendemos o processo pelo qual setores da sociedade e da cultura são subtraídos à dominação das instituições e símbolos religiosos” (1985:119). Assim, o processo de racionalização colocado na base da sociedade moderna produziu o efeito em que “a religião deixou, assim, de ser a esfera global e passou a ser uma das tantas esferas de que dispõe o indivíduo no processo de diferenciação do mundo moderno” (Paiva, 1999:257).

Porém, o que se observa é que “se a religião perdeu sua função cultural de eixo integrador da vida social como um todo [...] também é certo que ela jamais se retirou inteiramente da esfera pública, mesmo levando-se em conta as particularidades dos diferentes processos de formação dos Estados nacionais” (Montero, 2003:35).

No interior do catolicismo, observa-se que

“uma das implicações mais amplamente reconhecidas do processo de secularização diz respeito à perda do monopólio religioso da Igreja Católica sobre a esfera do sagrado e ao conseqüente reconhecimento legal do direito à liberdade de culto. A separação constitucional entre Igreja e o Estado, ao introduzir o princípio da liberdade de crenças, teria colocado em competição os diferentes credos religiosos, acarretando a fragmentação desse campo e introduzindo na esfera pública a concorrência entre religiões pela conquista de adeptos. Esse fenômeno de fragmentação, que passou a ser conhecido como ‘pluralismo religioso’, trouxe ao centro da reflexão acadêmica o problema da conversão: como e por que as pessoas se convertem? A adesão a uma ou a outra forma religiosa, ao ganhar o estatuto de um ato de consciência individual de natureza privada, desafia a interpretação sociológica” (Montero,2003:42).

A combinação destes diversos elementos no bojo do campo religioso, leva a considerar, num sentido geral, como aponta Peter Berger, que “a característica-chave de todas as situações pluralistas, quaisquer que sejam os detalhes de seu pano de fundo histórico, é que os ex-monopólios religiosos não podem mais contar com a submissão de suas populações [...] a situação pluralista é, acima de tudo, uma situação de mercado” (1985:149). No entanto, “o que se pode prever é a continuidade de uma busca de respostas individuais diante de um universo fragmentado no plano social” (Houtart,2003:40). Nesta mesma direção, Crespi observa:

“a experiência religiosa é em primeiro lugar o resultado de uma elaboração pessoal, que cada indivíduo, na sua solidão, precisa realizar, aprofundando a relação consigo mesmo e com a própria vida. Isso não significa que tal experiência se desenvolva no fechamento com relação aos outros” (1999:51).

O que está sendo demonstrado é a função e o lugar designado da religião na sociedade moderna. Assim, como atesta Pierre Sanchis, “segundo um padrão de modernidade, a identidade religiosa brasileira se tornou múltipla do ponto de vista cultural, e este fenômeno se traduz (e/ou se enraíza) em dois níveis fundamentais: estatístico e político” (2001:11), como já foi demonstrado. Na esteira deste contexto, como afirma o próprio Pierre Sanchis, “é a própria ‘identidade católica’ que se diversifica” (2001:12), ao enxergar diversas tendências e movimentos no interior da Igreja Católica (Comunidades de Base, Renovação Carismática, Cursilhos de Cristandade, Equipes de Nossa Senhora, Opus Dei, Apostolado da Oração, etc).

Retomando as análises de Cândido Procópio, reafirmamos nesta análise sua clássica interpretação do catolicismo brasileiro:

“As novas dimensões do Catolicismo brasileiro mostram tendências de que a Igreja passa a assumir, a par da preservação de suas funções tradicionais, formas tanto modernizantes como contestatórias à situação vigente. Podem-se distinguir as seguintes posições adotadas pela Igreja Católica: 1) Defesa de valores tradicionais, constituindo a instituição religiosa um obstáculo a forças sociais inovadoras; 2) apoio e mesmo, por vezes, lideranças a movimentos de reforma social caracterizados como ‘modernos’; 3) crítica a soluções ‘modernas’, com fundamento em projetos mais radicais de transformação social. Dessa maneira, segmentos da Igreja Católica se subdividem e assim participam de ampla gama de posições ideológicas brasileiras” (1973:42).

Estas diversas tendências e vários movimentos no interior do campo religioso católico podem ser agrupados em dois tipos de catolicismo: “tradicional” e “internalizado”, como segue sugerindo Cândido Procópio:

“no Catolicismo tradicional o comportamento social e religioso fundamenta-se nos costumes e é legitimado pela tradição; observa-se pouca consciência quanto à natureza específica dos valores religiosos que inspiram normas e papéis sociais. Nota-se, ainda, a ausência de explicação racional, em termos de meios e fins, para a conduta religiosa, e o comportamento social legitimado pela religião, não havendo normas da sociedade global e os da coletividade religiosa. Destacam-se, tanto na conduta religiosa como no comportamento social que a legitima, sacralização e rigidez intensas. [...] O Catolicismo de tipo internalizado caracteriza-se por proporcionar ao indivíduo percepção explícita e consciente dos valores religiosos. Pode conseqüentemente ocorrer coerência racional – em termos de meios e fins – entre esses valores e a conduta do indivíduo” (1973:49).

Embora o interesse de Cândido Procópio não seja a observação direta da Renovação Carismática, é possível uma apropriação de sua análise para lançarmos algumas luzes sobre o catolicismo carismático, que é o interesse desta pesquisa. Neste sentido, lembrando da própria advertência do autor, “as várias formas de Catolicismo devem ser entendidas como ‘tipos ideais’, no sentido weberiano, não representando, portanto, realidades empíricas” (1973:48), considera-se pertinente entender as formas atuais do catolicismo carismático não com base nestas duas distinções estanques, mas uma realidade que carrega fortes elementos do catolicismo tradicional, mas ao mesmo tempo, também possui grandes traços do catolicismo internalizado. Particularmente, ao se voltar para o catolicismo carismático contido no Grupo de Oração Universitário, embora possua

a “mesma” tônica do catolicismo carismático no geral, um elemento diferenciador é encontrado: o catolicismo internalizado é ressaltado sobremaneira. O que se leva a pensar desta maneira, conforme complementa Cândido Procópio, é que “nas religiões internalizadas tende a surgir relativa diferenciação, e mesmo tensão, entre os valores religiosos conscientes e o sistema axiológico que predomina na sociedade global” (1973:49), fato que é bastante nítido no GOU, na medida em que enfatizam a distinção elementar “fé” e “razão”, como apontaremos no Capítulo III.

Por fim, cabe recorrer às análises de Carlos Rodrigues Brandão (1988) a respeito do estudo “ser católico” para sublinhar o que se está apontando como enquadramento do catolicismo no campo religioso brasileiro.

Brandão, ao pensar o que define o modo de ser católico no Brasil afirma:

“Mais do que politicamente dominante em seu campo de relações de poder, o catolicismo foi e ainda é, no país, a religião de todos. Atenção: isto não significa apenas que ele é demograficamente uma religião de uma maioria uniforme de iguais praticantes; significa, antes, que o catolicismo é socialmente a possibilidade de todas as categorias de sujeitos sociais possuírem uma mesma religião e diferenciarem, no seu interior, modalidades próprias de sua religiosidade” (1988:47).

Ou seja, completa Brandão:

“mais do que uma religião totalitária, o catolicismo foi e é no Brasil uma religião de todos. Incluídos nele e no ‘seio da Santa Madre Igreja’ através do ato simples do batismo, todas as pessoas que querem, são e podem se identificar como católicas. De um lado, os símbolos e significados do

catolicismo invadem praticamente todos os espaços e domínios da cultura brasileira” (1988:52).

No tocante aos católicos carismáticos, ao observarmos o relato freqüente da confirmação de uma identidade católica carismática, é possível notar implicitamente um esforço de suprimir estas variantes de adesão católica frouxa ao vislumbrarem serem possuidores da autêntica identidade católica, pois contemplam o dom de receberem a graça da efusão no Espírito Santo, que é a forma do contato direto de Deus com os apóstolos. Se o catolicismo brasileiro é uma religião de todos, a Renovação Carismática Católica parece almejar que todos católicos sejam carismáticos, pois é na RCC que o Espírito Santo verdadeiramente se manifesta.

Capítulo II

Renovação Carismática Católica

O movimento carismático católico tem suas origens no marco das experiências espirituais chamado “Fim de Semana de Duquesne”, em 1967. Nesta ocasião, vinte e cinco jovens universitários reuniram-se no Centro de Retiros “The Ark and the Dove”, situado na região de North Hills, nos Estados Unidos, Pittsburgh, Pensilvânia, para orar e estudar a Bíblia. A partir deste encontro (17, 18 e 19 de fevereiro de 1967), que teve como tema os *Atos dos Apóstolos*, o catolicismo começa a observar um nova dinâmica espiritual, cujo traço distintivo é a presença do “Espírito Santo”, com ênfase nesta passagem bíblica:

“Mas descera sobre vós o Espírito Santo e vos dará força; e sereis minhas testemunhas em Jerusalém, em toda Judéia e Samaria e até os confins do mundo” (At 1, 8).

Este momento de oração representa o chamado Batismo no Espírito Santo, que é a principal identidade de todo movimento carismático católico. O que significa ser batizado no Espírito Santo?:

“o Espírito vem a ela de um modo que ela sabe (...) Mas, há mais do que isso no batismo do Espírito Santo. Não só o Espírito vem à pessoa de um modo novo, mas opera nela uma mudança. A sua vida se torna diferente,

porque o seu relacionamento com Deus se modificou. Deus está nela de uma maneira que não estava antes. Deus fez nela a sua morada de um modo novo. Como resultado da transformação que o Espírito Santo opera na pessoa, ela começa a experimentar a presença de Deus nela. Conhece Deus como nunca dantes, por experiência imediata. Começa também a experimentar o Espírito Santo agindo nela de um modo novo. O Espírito guia-a, fala-lhe, ensina-lhe, fá-la conhecer a Deus e saber que Deus a ama. É o diretor da sua vida” (Raham, 1972:95).

Num documento do próprio movimento carismático encontramos o seguinte relato:

“Reunidos, então, na capela de North Hill, dia 18 de fevereiro de 1967, Sábado, começaram a orar, cantar e a pedir a vinda renovada do Espírito Santo em suas vidas. Durante as cinco horas em que estiveram prostrados diante do sacrário, alguns jovens sentiram sua fé transformar de intelectual para praticante” (Renovação Carismática Católica. Ofensiva Nacional – Secretaria Lucas, 2000).

Vicente Borragán Mata retrata esta experiência da seguinte maneira:

“Uns sentiram que o amor de Deus por eles era tão intenso, que não podiam senão chorar; outros sentiam um imenso calor a passar, como fogo, pelos seus braços e mãos; outros sentiam ruídos na garganta e formigueiros na língua, outros falam de louvores gozosos que saíam dos seus lábios, de um encontro pessoal com Jesus como Senhor, de júbilo e alegria intensa, da presença do Espírito como um fogo devorador, de ânsias de oração e de ler a Palavras de Deus” (1999:44).

Observando os trechos acima, é possível destacar uma importante característica da RCC: a formação de uma “identidade” católica própria. É bastante comum ouvirmos depoimentos de católicos carismáticos que dizem: “nós

temos uma identidade; uma identidade carismática”, pois “os participantes dos grupos de oração procuram e encontram uma resposta religiosa a suas aflições cotidianas, reelaborando sua maneira de ver e agir na sociedade” (Carranza,2000:51). No centro desta identidade estão os *dons*, que podem ser *infusos e carismáticos*.

Os dons infusos, como aponta Carranza, são:

“dom de temor de Deus consiste no conhecimento do amor de Deus. O dom de fortaleza é aquele que dá para a pessoa força de vontade. O dom de piedade permite que o indivíduo reconheça a Deus como Pai. O dom de conselho, através do qual a pessoa é capaz de agir com equilíbrio ter paz interior e transmiti-la. O dom de ciência permite um conhecimento profundo de Deus, da sua salvação. O dom de inteligência permite que a pessoa tenha um maior entendimento sobre os mistérios da fé. O dom de discernimento de espíritos que consiste em identificar o espírito que move as ações, decisões, desejos da pessoa (...) Finalmente, o dom da sabedoria dá à pessoa o conhecimento da vida de Deus e as condições de ter os dons morais” (2000:88).

E os dons carismáticos são:

“o dom da fé, o qual dá certeza que Deus existe. O dom da cura, que consiste na capacidade que a pessoa tem de curar a si mesma ou a outros (...) O dom do milagre (...) O dom de falar em línguas (glossolalia) manifesta-se através da oração em linguagem não vernacular, é uma ação de Deus que move alguém a falar em voz alta (...) O dom de interpretar línguas (...) O dom da profecia é a capacidade que a pessoa tem de receber uma mensagem divina” (Carranza,2000:89).

Reginaldo Prandi aponta que “dentre todos os dons carismáticos, o dom de línguas é o mais desejado. É como se houvesse uma escala e dons e o

‘falar em línguas’ fosse o sinal direto de Deus (...) É preciso, por meio do convívio, ‘aprender’ a ter o dom, a deixá-lo manifestar-se” (1997:45). Conforme apresenta Benedetti, “a oração em línguas consiste na pronúncia de sons articulados, de forma harmoniosa. Sons incompreensíveis, algo como sharala-aia; hamasi, hamasi. As pessoas que fazem a experiência dizem que é o Espírito Santo que reza na pessoa” (1988:256).

A base da RCC são os “grupos de oração” (Prandi,1997). É neste momento que os dons são revigorados, pois a ação não se restringe aos momentos exclusivos do grupo de oração, mas em toda vida da pessoa. “Os grupos de oração da RCC”, aponta Carranza, “podem ser interpretados como espaços religiosos que permitem ao fiel procurar uma ‘satisfação espiritual’, desligando-se do mundo material” (2000:50). Uma característica importante da RCC é que ela “tem se mostrado como um movimento leigo e independente em relação à estrutura da Igreja” (Prandi,1997:52), pois os líderes e coordenadores dos grupos de oração são na esmagadora maioria leigos. Mas, algumas reflexões eclesiais sobre a RCC sublinham que “deve ficar claro que para encontrar a sabedoria e a direção necessárias para cumprir sua missão no mundo, os grupos de oração e seus líderes devem manter estreita comunhão com a Igreja e seus pastores designados”, como destaca Dom Paul Josef Cordes (1999:74).

No momento da realização de um grupo de oração “o mais importante é criar o clima de intensa emocionalidade: uma vez envolvido no e pelo grupo, o indivíduo sente-se liberado e executa os gestos propostos pelo dirigente.

Este, ao mesmo tempo, deve estar atento, para acolher as reações que o ‘Espírito’ suscita e integrá-las no todo” (Benedetti, 1988:244).

Oliveira sugere que “a RCC pode ser definida como um movimento de oração. Suas reuniões são reuniões de oração; as pessoas se encontram para orar, dando especial ênfase a oração e louvor” (1978:20). A oração é uma característica do grupo de oração também destacada por Benedetti: “a atividade central é a oração: de louvor, de reconhecimento das graças recebidas, oração contemplativa, oração em línguas, petição de graças e curas. Os cânticos servem para criar o clima de animação e fervor” (1988:245).

Em termos de organização, o movimento carismático conta com o Serviço Internacional da Renovação Carismática Católica (ICCRS – International Catholic Charismatic Renewal Service) com sede em Roma, aprovado por um decreto do Pontifício Conselho para os Leigos em setembro de 1993. Na América Latina, há o Conselho Carismático Católico Latino-americano (CONCCLAT), que fica em Bogotá, Colômbia. E no Brasil há o Conselho Nacional, responsável pelas atividades nacionais da RCC.

No Preâmbulo do Decreto do ICCRS estão descritos os cinco objetivos centrais da Renovação Carismática, conforme apontado no Documento de Malines I (1999):

“O primeiro objectivo central da Renovação é o de promover uma conversão pessoal, amadurecida e contínua, a Jesus Cristo, Nosso Senhor e salvador. E o segundo é o de propiciar uma abertura decisiva à Pessoa do Espírito Santo, à Sua presença e Seu poder” (p.83). “O terceiro objectivo central é o de fomentar a recepção e o uso dos dons espirituais (charismata)” (p.85). “O quarto objectivo central é animar a obra de

evangelização no poder do Espírito Santo, incluindo a evangelização daqueles que não pertencem à Igreja, a reevangelização de cristãos (apenas) de nome, e a evangelização da cultura e das estruturas sociais” (p.86). “O quinto objetivo consiste em impulsionar o crescimento progressivo na santidade, através da correcta integração dos dons carismáticos na vida plena da Igreja. Isto realiza-se mediante: a participação numa vida sacramental e litúrgica rica; o apreço pela tradição da oração e da espiritualidade católicas; a progressiva formação na doutrina católica, guiada pelo Magistério da Igreja; a participação no plano pastoral da Igreja” (p.87).

Carranza (2000) aponta que existem aproximadamente cerca de 40 milhões de adeptos da RCC no mundo, 270 mil grupos de oração espalhados em 140 países, sendo que 30% estão na América Latina. Esta autora identifica a chegada da RCC no Brasil em 1969 através dos padres jesuítas Harold Rahm e Eduardo Dougherty, tendo como núcleo a cidade de Campinas/SP.

Numa revisão bibliográfica sobre os estudos sobre a RCC, Cecília Mariz sintetiza:

“Embora tenha tido muito sucesso desde a sua criação, o período de maior crescimento do MRCC deu-se na segunda metade da década de 1990. Nesta época, ganha também uma grande visibilidade nos meios de comunicação social, tanto por criar os seus próprios canais de rádio e TV, com programas religiosos, quanto por constituírem notícia: grandes eventos de massas em espaços públicos” (2004:172).

Na trajetória da RCC no Brasil, a análise de Carranza (2000) destaca uma presença significativa da RCC ao longo dos anos 70, uma consolidação institucional que faz com que se espalhe por todo território nacional nos anos 80, e finalmente destaca o espaço que a RCC passa a ocupar na mídia nos anos 90.

Uma lacuna neste processo de consolidação é o próximo momento desta trajetória, ou seja, a expansão internacional da RCC brasileira para outros países, fato que começa a ser desencadeado a partir de 2000. Queremos assinalar que este itinerário de crescimento da RCC brasileira obedece lógicas particulares e bastante consolidadas no cenário do catolicismo nacional, gerando com isto disputas de forças significativas em várias direções no campo religioso brasileiro. A primeira delas são as disputas dentro da própria Igreja Católica. Motivo de divergências, a RCC avança ganhando adeptos na grande massa de fiéis católicos, ao mesmo tempo que é olhada com inúmeras restrições por parte da hierarquia eclesiástica, dos teólogos e dos intelectuais católicos. “Ainda que muitos bispos, padres e teólogos se tenham mostrado opostos à RCC, não há como negar que a Igreja oficial abraçou sim um grande projeto de mudança” (Prandi,1997:32).

Em 1994 a CNBB publicou um documento a respeito da RCC intitulado *Orientações Pastorais sobre a Renovação Carismática Católica*. Neste documento são explicitadas orientações pastorais como: “dê-se especial importância à formação bíblica, que ofereça sólidos princípios de interpretação (...), não se introduzam elementos estranhos à tradição da Igreja (...), evite-se alimentar um clima de exaltação da emoção e do sentimento, que enfatiza apenas a dimensão subjetiva da experiência da fé (...), não se incentive a chamada oração em línguas (...), evite a prática do assim chamado repouso no espírito (...), quanto ao poder do mal, não se exagere a sua importância” (CNBB, 1994). Para Mariz, “essas e outras recomendações de cunho similar tendem a limitar práticas

mágicas, vistas como fetichistas, que significariam um maior contacto do leigo com o sobrenatural” (2004:178).

Alguns momentos importantes para a Renovação Carismática foram as aproximações com os papas. Embora tenha sido um papa anterior ao surgimento da Renovação Carismática, João XXIII é considerado o precursor do movimento ao invocar a ação do Espírito Santo na oração preparatória para o Concílio Vaticano II:

“Repita-se no povo cristão o espetáculo dos Apóstolos reunidos em Jerusalém, depois da ascensão de Jesus ao céu, quando a Igreja nascente se encontrou reunida em comunhão de pensamento e de oração com Pedro e em torno de Pedro, pastor dos cordeiros e das ovelhas./ Digne-se o Divino Espírito escutar da forma mais consoladora a oração que sobe a Ele de todas as partes da terra. Que Ele renove em nosso tempo os prodígios como de um novo Pentecostes, e conceda que a Santa Igreja, permanecendo unânime na oração, com Maria, a Mãe de Jesus, e sob a direção de Pedro, dilate o Reino do Divino Salvador, Reino de Verdade e Justiça, Reino de amor e de paz”.¹

O papa Paulo VI esteve em contato pela primeira vez com o movimento carismático em outubro de 1973 por ocasião da Primeira Conferência Internacional de Líderes, que aconteceu em Grottaferrata, perto de Roma. Por ocasião da Segunda Conferência Internacional de Líderes (12 a 15 de maio de 1975), e também pelo encontro internacional de 10.000 peregrinos (16 a 19 de maio de 1975), ambos em Roma, Paulo VI declarou:

¹ “Os papas falam sobre a renovação carismática”. São Paulo: Loyola, 1982. p. 5.

*“Todos nós devemos colocar-nos a barlavento do sopro misterioso, ainda que agora, de certo modo identificável, do Espírito Santo. Não é sem significado o fato de que, precisamente no dia feliz de Pentecostes, o ano santo enfune suas velas em cada uma das Igrejas Locais, a fim de que uma nova navegação, um novo movimento verdadeiramente pneumático, isto é, carismático, impulsione numa única direção e em concorde emulação a humanidade crente para as novas metas da história cristã, para seu porto escatológico”.*²

Na Terceira Conferência Internacional de Líderes da Renovação Carismática em Dublin, em junho de 1978, Paulo VI enviou um telegrama. Um trecho deste telegrama diz o seguinte:

*“Sua Santidade ora para que os grandes frutos do Espírito Santo sustentem os participantes numa vida cristã genuinamente sacramental, levando-os a crescer de maneira sensível segundo as necessidades imensas de todo o Corpo de Cristo e confirmando-os numa total colaboração com a Hierarquia e na unidade eclesial com a Igreja inteira”.*³

Os três primeiros contatos que João Paulo II teve com a Renovação Carismática foram: audiência especial ao Conselho Internacional em dezembro de 1979, onde estiveram o Cardeal Suenens, o bispo Alfonso Uribe e os membros do Conselho Internacional da Renovação Carismática; audiência com 18.000 carismáticos do Movimento Nacional Italiano de Renovação no Espírito em novembro de 1980; e a Quarta Conferência Internacional de Líderes em maio de 1981 na cidade de Roma. Nesta última ocasião, João Paulo II referiu-se ao movimento carismático com estas palavras:

² op.cit. p.12.

*“O fato de Ter escolhido Roma como lugar desta Conferência é um indício especial da importância que tem para vós o estar arraigados nesta unidade de fé que tem seu centro visível na Sede de Pedro (...) O Papa Paulo VI descreveu o Movimento para a Renovação como ‘uma sorte para a Igreja e para o mundo’, e os seis anos que se passaram desde aquele Congresso vieram confirmar a esperança que animava seu pensamento. A Igreja viu os frutos de vosso zelo pela oração num firme compromisso de santidade de vida e de amor à Palavra de Deus. Constatamos com especial alegria a maneira pela qual os dirigentes da Renovação desenvolveram cada vez mais uma ampla visão eclesial, esforçando-se ao mesmo tempo para fazer dessa visão uma realidade crescente para quantos dependem deles em sua direção”.*⁴

As palavras de João Paulo II nesta ocasião encerram-se com referência à Maria (seu obediente ‘sim’ a Deus), como limite da característica fundamental da Renovação Carismática: a obediência às doutrinas da Igreja.

Nos dias de hoje, a Renovação Carismática Católica tem uma presença maciça nos meios de comunicação social. É indispensável uma rápida referência a esta característica, embora não seja conveniente uma larga abordagem deste aspecto neste capítulo que se pretende ser uma síntese da RCC.⁵

De maneira breve, nas palavras de Carranza, entende-se que:

“É nesse mundo do som e da imagem que forma parte da vida moderna, compondo o imaginário das pessoas, conectando com seus sentimentos e pensamentos, que a RCC lidera os MCS [meios de comunicação social] no interior da Igreja Católica. É nesse universo midiático que constitui o cerne da cultura mundializada, formando assim parte integral do que

³ op.cit. p.21.

⁴ op.cit. p.30.

⁵ Sobre a atuação da Igreja nos meios de comunicação social pode ser consultado Della Cava, & Montero (1991); Carranza (2000) [Capítulo IV]; Rodrigues (2002) [Capítulo 9].

denominamos cultura popular de massa, que a RCC se coloca como resposta à necessidade de a Igreja recuperar sua hegemonia” (2000:235).

A atuação nos meios de comunicação social, de modo especial o uso da internet, é hoje um importante instrumento para a prática, organização e comunicação da RCC, bem como do Grupo de Oração Universitário, como veremos no próximo capítulo. Outro aspecto que nos centramos ao analisar o GOU, diz respeito à participação na vida política. O estudo de Júlia Miranda (1999) é uma referência fundamental. Em sua análise, esta autora aponta que para a RCC:

“a política representa um importante elemento na instituição do grupo como tal, uma vez que dá lugar não apenas à construção das representações coletivas sobre a religião e a política, para além do texto bíblico, mas é responsável também pela constituição de porta-vozes, confirmando objetivamente a visibilidade ao grupo” (1999:128).

Em suma, a sugestão de interesse estratégico para uma aproximação com o âmbito da prática política tornar-se-á evidente em vários depoimentos que trataremos de demonstrar adiante.

Analisando os dez primeiros anos da Renovação Carismática, Fichter (1976) resume quatro “surpresas” que pode ser visto no surgimento da RCC:

1 – “do coração desta América tecnológica, orientada para o sucesso, emergiu um ressurgimento religioso que contradiz as expectativas ‘behavioristas’ contemporâneas” (p.6); 2 – “a segunda surpresa é que este movimento espiritual, informal e espontâneo, deveria surgir de um sistema litúrgico, hierárquico e estilizado como o catolicismo” (p.6); 3 – “outra

surpresa da renovação é que ela atraiu grande número de pessoas de alto nível econômico e cultural” (p.7); 4 – “um quarto elemento, inteiramente imprevisto, nesta renovação é que ela nasceu entre os leigos e ainda permanece em grande parte sob o controle do laicato” (p.8).

Com o que foi exposto neste capítulo, podemos registrar que “a finalidade do movimento carismático é a reforma espiritual pessoal e não a reforma social organizada. A convicção básica é que uma sociedade melhor só poderá surgir quando as pessoas forem melhores” (Fichter,1976:15). Porém, uma ambição se faz presente. A Renovação Carismática “não quer promover um retorno simplista, despido de qualquer sentido histórico, a uma Igreja neotestamentária idealizada. Contudo, ela reconhece o papel único das comunidades do Novo Testamento. E quer inscrever-se na tradição que chama todos os homens à conversão e ao Reino”. (Documento de Malines I, p.10).

Se a Renovação Carismática Católica ao longo dos anos tem mostrado sua grande eficácia religiosa, pois “tem atraído de volta às igrejas católicas contingentes cada vez maiores de desvalidos de toda sorte” (Prandi,1997:63), às vésperas de completar quarenta anos, já está em curso, a partir da realidade carismática brasileira, um “novo” sopro do Espírito no interior do próprio movimento, trata-se do “sonho” do Grupo de Oração Universitário, notório por seu ambicioso lema “Um Sonho de Amor para o Mundo”.

Capítulo III

Grupo de Oração Universitário : Será um “sonho”?

Por que promover evangelização na universidade? Esta pergunta formulada no início da pesquisa será colocada no centro da análise neste capítulo, a partir da observação da evangelização católica através do Grupo de Oração Universitário (GOU).

Deve-se evidenciar em primeiro lugar, como aponta Durkheim, que:

“a vida religiosa supõe a ação de forças *sui generis*, que elevem o indivíduo acima dele mesmo, que o transportam para um meio distinto daquele no qual transcorre sua existência profana, e que o fazem viver uma vida muito diferente, mais elevada e mais intensa. O crente não é somente um homem que vê, que conhece coisas que o descrente ignora: é um homem que pode mais. Os fiéis podem conceber erroneamente os poderes que se atribuem, o sentido no qual ele se exerce. Mas este poder, nele mesmo, não é ilusório. É ele que permite à humanidade viver” (1977:2).

Em outras palavras, como afirma Pierre Bourdieu,

“Se a religião cumpre funções sociais, tornando-se, portanto, passível de análise sociológica, tal se deve ao fato de que os leigos não esperam da religião apenas justificações de existir capazes de livrá-los da angústia existencial da contingência e da solidão, da miséria biológica, da doença, do sofrimento ou da morte. Contam com ela para que lhes forneça justificações de existir em uma posição social determinada, em suma, de

existir como de fato existem, ou seja, com todas as propriedades que lhes são socialmente inerentes” (1982:42).

A partir deste ponto, cumpre lembrar que “o fenômeno religioso padece de um movimento pendular entre carisma e burocracia; carisma e organização; carisma e rotinização; carisma pessoal e carisma de função; movimento e instituição; profecia e sacerdócio; utopia e ‘estabelecimento’; ideal fundador e administração” (Benedetti, 1988:XIII). Na presente pesquisa, complementando estas relações dicotômicas do fenômeno religioso, evidenciar-se-á a relação “fé” e “razão” como princípio base para se descrever o projeto de evangelização universitária do GOU, a fim de compreender sociologicamente o “sonho” deste grupo.

Será transcrita esta relação entre fé e razão nas idéias da noção de campo religioso e campo intelectual, como formuladas por Pierre Bourdieu (1982). Na introdução à obra de Bourdieu, Miceli sintetiza a noção de campo religioso como um:

“campo de forças onde se enfrentam o corpo de agentes altamente especializados (os sacerdotes), os leigos (os grupos sociais cujas demandas por bens de salvação os agentes religiosos procuram atender) e o “profeta” enquanto encarnação típica do agente inovador e revolucionário que expressa, mediante um novo discurso e por uma nova prática, os interesses e reivindicações de determinados grupos sociais” (1982:XXV).

A utilização da noção de campo intelectual nesta pesquisa terá serventia através da característica fundamental de autonomia da produção de bens

simbólicos dos intelectuais, e a partir disto, como eles “tendem progressivamente a ingressar por sua própria conta, e não mais apenas por procuração ou por delegação, no jogo dos conflitos entre as frações da classe dominante” (Bourdieu,1989:191). Mais do que situar o GOU nas relações de forças no dentro do campo intelectual, mostraremos como esta característica da autonomia que contém o campo intelectual é matizada pelo GOU no interior do campo religioso uma mútua relação de forças com a Igreja e Renovação Carismática.

Assim, as práticas religiosas produzidas pelo GOU, que comportam esta observação através do campo intelectual e do campo religioso, este com mais intensidade, devem ser observadas na medida em que:

“fazer sociologia (e história) não é recusar termos e definições – por serem ou por não serem, religiosos ou teológicos – ou então tomá-los como conceitos prévios, prontos e constituídos, mas captá-los no interior do processo que os engendra e lhe dá um conteúdo empírico-histórico preciso. E, ao longo dos tempos, decifrar o conteúdo concreto de que estes termos se revestem num processo de inclusão/exclusão comandado por interesses sociais da sociedade abrangente e por fatores próprios à dinâmica do campo religioso, o mais importante dos quais é, sem dúvida, o peso mobilizador-motivacional (a sobrecarga de significação) da crença” (Benedetti,1988:XVI).

Portanto, ao apresentar o “sonho” de evangelização universitária que propõem o GOU, se colocará em questão o sentido da religiosidade (católica carismática) no processo da vida acadêmica cotidiana do universitário, e também o sentido reivindicado na ocupação de espaços no interior da Renovação Carismática.

Origens do Grupo de Oração Universitário

Com o objetivo principal de conciliar a fé e a razão, e conseqüentemente “renovar” as universidades, em fevereiro de 1994 na Universidade Federal de Viçosa (UFV)/MG, durante um retiro de carnaval, um grupo de 53 pessoas estiveram reunidos num seminário chamado “RCC e Universidade” para ouvir o “sonho” de Fernando Galvani, fundador do Projeto Universidades Renovadas. Este é o marco inicial da evangelização carismática católica nas universidades brasileiras.

É preciso esclarecer que o contexto em que se insere este seminário é que *“acontecia em Viçosa, e até hoje acontece, um encontro de carnaval, denominado Seara, organizado pelos estudantes da Universidade e pela comunidade local. Havia bandas, show, muitos jovens, quase cinco mil, de vários lugares do estado de Minas e de fora, mas que buscavam, ali, experimentar uma graça espiritual para suas vidas (...) O Seara é um encontro de organizado pela Renovação Carismática Católica (RCC) que, em 1994, já estava na sua 6ª edição”* (Santos,2004:12).

O fundador, o universitário Fernando Galvani, conhecido também como Mococa, *“era o retrato de muitos adolescentes atuais: envolvia-se com drogas, bebidas, enfim, participava de atividades nada construtivas. Em uma delas, acabou perdendo pedaços dos dedos da mão direita, em um acidente com*

detonador de dinamites. Foi a partir da Experiência de Oração em Mococa/SP, que as transformações em sua vida foram acontecendo” (Santos,2004:52). Em 1987 ingressou na UFV no curso de Zootecnia. Como já havia tido contato com a RCC aos 16 anos, em 1983 ao se dirigir até Viçosa para concorrer a uma vaga para o curso de medicina veterinária, Fernando tomou o primeiro contato com a RCC de Viçosa, o que fez com que se engajasse nas atividades do grupo de oração e se torna-se coordenador da comunidade em Viçosa.

“Éramos cerca de 200/300 estudantes que viviam em oração. Todos usavam uma cruzinha e podiam ser reconhecidos em qualquer lugar do campus. Aquele grupo demonstrava tanta sede de Deus que impressionava a todos. Saíamos do bandeirão e íamos para a capela. Lá encontrávamos estudantes rezando o terço sem que houvesse alguma atividade programada. Tínhamos um sentimento de família. Jantávamos juntos, estudávamos juntos, rezávamos juntos! Tudo fazíamos em comum. Era um grupo de ascese elevada, com devoção à Maria, vida sacramental, jejum, enfim, de busca de santidade (Fernando Mococa)” (Santos,2004:52).

Neste clima religioso que havia na UFV foi que “no 1º semestre de 1990, Fernando recebeu de Deus o início de uma revelação que culminaria, anos mais tarde, no sonho de renovar as universidades e o Brasil. A missão de Deus, revelada ao Fernando, ocorreu dentro de seu próprio quarto, no alojamento ‘novíssimo’, que fica instalado no campus da UFV. Nesse quarto moravam mais três estudantes que também participavam do grupo de oração da universidade e, havia ali, um quadro da cidade de Jerusalém logo na entrada” (Santos,2004:59).

Por tudo isto, não havia realidade melhor para que, em oração, Fernando tivesse um “sonho” de evangelização. *“Foi numa tarde, por volta das treze horas,*

em oração no seu quarto e contemplando o quadro de Jerusalém, que Fernando, meditando o livro dos Atos dos Apóstolos, se surpreendeu lendo o capítulo 5, versículo 28. 'Expressamente vos ordenamos que não ensinásseis nesse nome. No entanto, enchestes Jerusalém com vossa doutrina, querendo fazer recair sobre nós o sangue desse homem'. (...) Fazendo essa viagem no tempo, justamente quando rezava pedindo ao Espírito Santo que Jesus pudesse ser real para todos os estudantes da Universidade Federal de Viçosa, Fernando foi levado a vislumbrar a Universidade cheia da doutrina de Jesus. Como seria diferente! Como seria uma aula ministrada por um professor cheio de fé!? Como seria andar pelas ruas da universidade e se deparar com irmãos que haviam abraçado a mesma fé!? Como seriam as pesquisas e projetos de extensão se fossem baseadas nos princípios do Evangelho!?' (Santos,2004: 59-60).

O primeiro sopro do Espírito em 1967 de Duquesne começava a revigorar em Viçosa, vinte e sete anos depois. *“Fernando sentia um desejo imenso de ver a Universidade de Viçosa repleta da doutrina, do amor de Jesus, que mal podia caber em seu coração. Era ali, naquele dia especial e num momento de oração, que o Senhor iniciava a convocação aos universitários católicos a renovarem as universidades. Fernando seria o primeiro de muitos e milhares que viriam a receber esta missão”* (Santos,2004:61).

A origem do Projeto Universidades Renovadas teve estes dois momentos distintos. O primeiro foi a revelação através das orações de Fernando Galvani no primeiro semestre de 1990 com recebimento da missão de “renovar” as universidades, e o segundo momento foi o início da divulgação desta revelação

no seminário “RCC e Universidade” no Seara de 1994. O intervalo entre esses dois momentos corresponde ao término do curso de Fernando Galvani em 1991, e sua ida em junho de 1992 para os Estados Unidos, onde ficou seis meses fazendo um curso de especialização.

Ao se sublinhar enfaticamente todas essas características ao redor do fundador, é possível chegar ao ponto de partida do “sonho” do Projeto Universidades Renovadas: um desejo de rearticular o destaque e prestígio da liderança de Fernando Galvani esfacelado neste período que ficou afastado do Brasil. *“Antes de ele ir para os Estados Unidos, havia no Brasil uma equipe nacional de jovens da RCC, da qual ele era o representante no Estado de Minas Gerais. A equipe já estava bem articulada e tinha realizado encontros nacionais, reunindo grande número de jovens. Entretanto, o Conselho e a Comissão Nacional da RCC no Brasil, na época, resolveram acabar com o trabalho da equipe de jovens, para dar início ao projeto de Ofensiva Nacional de Evangelização que constava, dentre outras coisas, da criação de secretarias. A Secretaria Marcos seria a responsável pela evangelização e formação dos jovens. (...) A notícia foi como um banho de água fria para o Fernando e aqueles que estavam junto com ele”* (Santos,2004:61-62).

Certamente, embora os documentos e registros do PUR não retratem isto, novos líderes na organização de jovens da RCC em Minas Gerais apareceram na ausência de Mococa. Ao ler o livro de Patty Mansfield (“Como um Novo Pentescotes”), que esteve presente no batismo do Espírito Santo em Duquesne, Fernando Galvani se questiona, como relatado por Santos:

“Por que a RCC foi nascer justamente dentro de uma universidade? Por que não em um mosteiro, em um grupo de jovens ou de idosos de alguma paróquia, ou em uma Comunidade de Base? Por que eu participo deste momento histórico de derramamento do Espírito Santo, tendo tido a chance de cursar uma universidade? Qual é a minha resposta diante desta missão de evangelizar a universidade? Foi, a partir daí, que assumi um compromisso com o Senhor: por onde eu passar quero deixar a minha marca, o meu selo de cristão, mesmo que isso signifique constrangimentos, como ocorre dentro dos espaços acadêmicos, dentro dos ambientes de trabalho e nas mais diversas circunstâncias” (2004:63).

Outro marco que ajudaria Fernando Galvani a repensar seu posto de liderança foi a publicação do Documento de Santo Domingo, como conclusões da IV Conferência Episcopal Latino-Americano, de Santo Domingo em 1992. Desta maneira, *“a confluência de três episódios: o sonho de ver a Universidade de Viçosa cheia da doutrina de Jesus, as palavras dos bispos da América Latina e o testemunho de Patty Mansfield despertaram em Fernando o grande sonho de renovar todas as universidades do Brasil. Em outras palavras, levar a experiência da UFV a todos os campi espalhados pelo país, faculdades, institutos de ensino superior”* (Santos,2004:63).

Em suma, o “sonho” inicial da evangelização carismática no ambiente universitário é composto por três elementos. 1) um contexto universitário que já reunia práticas religiosas da Renovação Carismática; 2) um universitário de Viçosa, líder da RCC local, e que tem seu *status* de liderança desarticulado; 3) a legitimidade no resgate “mítico” quando do surgimento da RCC numa universidade nos EUA. Com isso, o Projeto Universidades Renovadas aparentemente não

representa nenhuma novidade. Poderia se perguntar onde está o sucesso deste empreendimento de evangelização carismática na universidade a partir do sonho de Fernando Galvani, que completou 10 anos em 2004, está espalhado em todo o país e também em alguns países da América Latina. Queremos apontar dois indícios para este sucesso. Primeiro, a universidade é um local de sonhos: “o sonho do pré-vestibulando com um Ensino Superior”, “o sonho da família na formação profissional de um filho”, “o sonho do jovem de morar fora de casa”, “o sonho do Diploma”, etc. Portanto, enfatizar a idéia de um “sonho” para a evangelização universitária foi sem dúvida um demonstrativo potencializador que deu real propulsão ao movimento. O segundo indício deve-se ao fato de que o PUR é formado basicamente pelos filhos de pais que já pertenciam à RCC (ou de famílias tradicionalmente católicas), como será demonstrado adiante.

Estrutura e desenvolvimento do “sonho” do GOU

Após o seminário “RCC e Universidade” pouco se sabe dos registros estatísticos e históricos de estruturação de grupos de oração nas universidades. Único relato que se pode ter acesso é a experiência de Ivna Sá dos Santos para iniciar um grupo de oração na Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras de Belo Horizonte (FAFI-BH), hoje Centro Universitário de Belo Horizonte/UNI-BH. Com isso, analisando o depoimento de Ivna Sá, é possível afirmar que o seminário de 94 apostou numa única estrutura, e também num único meio de desenvolvimento: o universitário. A proposta inicial não apareceu como um organograma institucional claro. A esperança lançada era motivar os universitários que já tivessem algum vínculo com a RCC para que pudessem organizar pessoalmente grupos de oração carismática nas universidades. Portanto, Fernando Galvani parece ter se preocupado em suscitar uma experiência interior individual que convencesse os 53 participantes de seu “sonho” particular, que era o de canalizar a experiência carismática de Viçosa como organização nacional de universitários da RCC.

Como referência bíblica, a passagem enfatizada foi a narrativa da multiplicação dos pães, que consta no evangelho de Marcos, capítulo 6, versículos de 30 a 44. *“Essa palavra é conhecida por todos nós, como uma ordem do Senhor: Dai-lhes vós mesmos de comer. (...) Em outras palavras, diria que essa*

ordem do Senhor 'Dai-lhes vós mesmos de comer' é como uma resposta às inquietações que por ocasião do seminário surgiram em nossos corações Como fazer um GOU? Como começar do zero? Quem estará conosco? Onde nos reuniremos? A faculdade vai nos apoiar? Quem fará as pregações? Quem vai cantar e tocar violão? Será que encontraremos alguém disposto a iniciar um grupo de oração conosco? As pessoas terão tempo? Não seremos tachados de carolas, beatos, fanáticos? Enquanto estávamos mergulhados em todas essas preocupações, a palavra do Senhor era clara. 'Coloque seus pães e peixes à disposição, que o milagre EU faço'. Quem acreditou nessa Palavra, com certeza, viu muitos serem alimentados em suas escolas, famílias, paróquia", relata Ivna Sá dos Santos (2004:77). A sugestão de resposta para estas questões pode ser buscada no fato de que "o Fernando fez uma leitura um tanto quanto diferente, comparando o lugar deserto onde Jesus fez o milagre, ao campus universitário", completa Ivna (2004:84).

O desenvolvimento do "sonho" do Grupo de Oração Universitário começa a acontecer na medida em que é feito o convite pessoal ao universitário em "*assumir a condição de testemunha autêntica e corajosa do Senhor, crescer na graça e no conhecimento de Jesus, encontrar o tesouro, colocar-se como discípulo do Mestre e, finalmente, ser o atleta que busca a coroa imperecível*", diz Ivna Sá dos Santos, e afirma: "*a nossa presença na Universidade provém do compromisso do nosso batismo e da aliança que fizemos em torno de um sonho comum. É isso que a sociedade, a Renovação Carismática Católica, a Igreja e o Cristo esperam de nós!*" (2004:65). Não é forçoso verificar o desejo de se tornarem vanguarda ("os

pensadores”) da tradição carismática através de um “novo” sopro do Espírito, traduzido no “sonho” de Fernando Galvani quando teve seu êxtase religioso diante do quadro de Jerusalém.

Não obstante ao grupo de oração em uma igreja, no GOU é também o “louvar o que realmente interessa” (Prandi, 1997:36). Com seus quatro objetivos gerais: 1) evangelizar, com renovado ardor missionário, testemunhando Jesus Cristo em nossas escolas e em nossa futura profissão; 2) evangelizar, acreditando ser possível e preciso conciliar fé e razão; 3) evangelizar, em comunhão fraterna com a Igreja, formando homens novos que exerçam suas funções à luz do Evangelho; 4) evangelizar, com o poder de efusão do Espírito Santo, para que os corações de todos nós, estudantes, professores e profissionais se unam ao coração de Deus, o GOU tem se demonstrado apenas como um importante espaço para que os universitários continuem a prática religiosa carismática que já possuíam antes de ingressar na universidade.

Na cartilha do Projeto Universidades Renovadas (julho de 2000) a orientação é que seja observado alguns momentos comuns nas reuniões de oração:

- “Momento com a Mãe (oração do terço, de um mistério, de uma Ave-Maria, de um canto. Depende do tempo e do tema).
- Cantos acolhedores e que expressem a alegria dos membros em estarem reunidos para mais uma reunião de oração.

- Forte momento de louvor a Deus (somos chamados a ser homens e mulheres de louvor, filhos que saibam muito mais do que pedir, louvar e dar graças ao Senhor).
- Oração de efusão do Espírito Santo (deixar que o Espírito manifeste seus dons).
- Anúncio da Palavra (não importa o tempo da reunião. O Espírito Santo concede o Dom da objetividade e do discernimento ao pregador. O importante é que a Palavra seja anunciada com vida e autoridade. E atenção: nem todos do núcleo do GOU possuem o ministério da pregação).
- Acolhida dos novatos, apresentações (a acolhida deve ser feita no início ou no final, depende da dinâmica de cada GOU).
- Oração inicial e final (as reuniões devem ser iniciadas e concluídas em nome da Santíssima Trindade, com o Sinal da Cruz, incentivando também a oração do “Glória ao Pai”) (Universidades Renovadas, 2000:30).

Para se observar o desenvolvimento de um GOU, deve-se atentar para algumas questões sugeridas na cartilha: Eficácia (“As pessoas que vão ao seu grupo voltam?”), Evangelização (“Os integrantes têm sido transformados, à luz do Evangelho?”), Essência (“Como é a vida sacramental dos membros do grupo?”), Envolvimento (“Como é o relacionamento fora do grupo? Amizade, companheirismo?”), Coordenação (“Nosso grupo tem núcleo ou tudo fica na mão do coordenador?”), Impacto/Visibilidade (“Seu grupo ‘incomoda’ ou é indiferente para a Faculdade?”). Com isso, fica nítida a orientação a ser aplicada ao GOU: “O

povo que vai aos nossos GOUs em busca de ‘alimento’ deve ser levado a uma experiência de oração: experimentar Deus na oração, ser despertado para a oração” (Universidades Renovadas, 2000:58). Nas palavras de Ivna Sá dos Santos, *“o PUR não é, em princípio, um local onde as pessoas passam e ficam enquanto servos, porque acreditamos que as lideranças formadas nos GOUs devem assumir lugares específicos dentro de outros ministérios da RCC ou em outras iniciativas pastorais. O que não pode morrer nunca é o sonho que Deus plantou em nosso coração. Se ele morre, morre a missão”* (2004:201). Aqui retomamos a idéia e avançamos a indicação anterior. Se o GOU é o espaço de continuidade da religiosidade carismática anterior ao ingressar na universidade, o destino dos universitários carismáticos ao sair da universidade, tendo passado pelo GOU, é inserir-se nas em posições de liderança da RCC. Ou seja, a tarefa que cabe ao GOU, conforme estão reivindicando, é a formação dos líderes da RCC.

A RCC possui alguns eventos específicos para concentrar grande público católico carismático: Cenáculos, Missa Show, Rebanhão, etc. Do mesmo modo, embora os universitários carismáticos também participem destes encontros, o PUR possui alguns encontros específicos, tais como: Encontro Nacional de Universitários Católicos Carismáticos (ENUCC), Encontro Estadual de Universitários Católicos Carismáticos (EEUCC), Encontro Regional de Universitários Católicos Carismáticos (ERUCC), Dia de Louvor Universitário, e também Encontro Virtual de Universitários Católicos Carismáticos (EVUCC), entre outros eventos específicos.

O I ENUCC aconteceu em agosto de 1996 na PUC-Minas Belo Horizonte/MG e reuniu cerca de 230 participantes, sendo de 42 faculdades de dez Estados. O tema era: “Universidades Renovadas”, com o lema “Um sonho de amor para o nosso país”. Neste primeiro encontro *“havia também uma brasileira que cursava Medicina em Santa Cruz de La Sierra, na Bolívia. Desde o I ENUCC, Deus já tinha planos de expansão do PUR para fora do Brasil”*, diz Ivna Sá dos Santos (2004:141). A questão da expansão internacional do PUR será retomado adiante. O II ENUCC em 1997 também aconteceu em Belo Horizonte, na CEFET/MG, que teve a participação de 520 universitários, de 84 faculdades e doze Estados. O tema era: “Jesus, Senhor e Salvador”, com o lema: “Que a Universidade saiba, com a maior certeza, que este Jesus que vós crucificastes, Deus constituiu Senhor e Cristo”. O III ENUCC aconteceu em Presidente Prudente/SP na UNOESTE, em julho de 1998. Estiveram presentes 1050 universitários, de 188 faculdades e dezessete Estados. O tema era: “Espírito Santo, nossa esperança”, com o lema: “Porque então haverá certamente um futuro e tua esperança não será frustrada”. O IV ENUCC aconteceu no Estádio do Pacaembu em São Paulo/SP em julho de 1999. Com 1200 universitários de 179 faculdades e dezoito Estados, eles tinham como tema: “Abbá, Pai!”, e lema: “Conhecemos o Amor do Pai e nele cremos”. O V ENUCC aconteceu no Recanto Nossa Senhora de Lourdes – São Paulo/SP, em julho de 2000. Participaram desse evento 1130 universitários, de 23 Estados e três países (Brasil, México e Argentina). O VI ENUCC foi em Bauru/SP, em agosto de 2001, com 1300 participantes. O tema deste encontro foi “Universidades Renovadas, Sonho,

Missão e novos desafios”, como o lema: “Porque ficais aí olhando para o céu?” O VII ENUCC em Vila Velha/ES, em julho de 2002, reuniu cerca de 1400 participantes em torno do tema: “Importa prosseguir decididamente”.

No VIII ENUCC, em Goiânia/GO, em 2003, com o tema “Avançar para águas mais profundas”, e o lema “Lançai as redes”, diante de um público com 1600 participantes, esteve presente Patty Mansfield, uma das universitárias que esteve no Fim de Semana de Duquesne em 1967. Nesta ocasião houve a famosa “troca de camisetas”, onde Patty Mansfield vestiu uma camiseta do PUR, e Fernando Galvani, também presente neste encontro, recebeu de Patty Mansfield a camiseta de Duquesne. Ivna Sá dos Santos transcreve como este momento foi narrado por Ariana Virgínia: *“Patty, que na época do surgimento da Renovação Carismática era uma universitária, trocou de camiseta com o fundador do Projeto Universidades Renovadas, Fernando Galvani, o Mococa. A norte-americana vestiu a camisa do VIII ENUCC, enquanto ofereceu uma camiseta da Universidade de Duquesne ao Mococa e outra à Ellen Resende, atual responsável pelo Ministério das Universidades Renovadas em âmbito nacional. Fernando Galvani, que poucas pessoas já viram chorar, segundo ele mesmo, não conteve a emoção do simbolismo e significado do momento. O fundador não pôde deixar de chorar emocionado diante do público recorde de um encontro nacional. Aliás, ele não foi o único a derramar algumas lágrimas diante da cena. Pelo menos metade dos que estiveram em Goiânia fizeram o mesmo. Ele mesmo disse que o VIII ENUCC foi marcante (...) Se ‘vestir a camisa’ quer dizer identificar-se com uma causa e lutar por ela, ao vestir, literalmente, a camisa do Projeto Universidades Renovadas,*

Patty Mansfield incentivou, deu coragem e ânimo aos luquinhas sonhadores” (2004:245).

Em 2004, na cidade de Maringá/PR, o IX ENUCC foi de comemoração dos 10 Anos de Projeto Universidades Renovadas. Estiveram presentes mais de 1800 universitários, e partes do encontro foram transmitidas pela TV Canção Nova. Neste encontro o lema era: “Um sonho de amor para o Mundo”. Segundo Kátia (Entrevista, Campinas, 23/03/2005), neste ENUCC *“foi dado bastante ênfase para a história do PUR, por causa dos 10 anos. Foi falado também de tudo o que se construiu, desde o começo – de uma pessoa rezando no quarto dela, depois virou um grupo de oração na universidade, de repente está espalhado em todo Brasil. Foi falado também dos GOUs fora do Brasil”*. Para Ana (Entrevista, Piracicaba, 22/04/2005), o encontro representou um balanço: *“foi feito um balanço destes 10 anos: o crescimento do PUR; tinha as fotos dos primeiros que começaram o GOU, o PUR; tinha um quadro em que estava o Mococa que começou o Projeto. O ENUCC Maringá foi um balanço, e foi também o lançamento do livro da Ivna, que é ‘Daí-lhes vós mesmos de comer’, porque é isso que o PUR leva esta palavra, você dá de comer a uma pessoa”*. Nestes 10 anos de GOU, Carla (Entrevista, Piracicaba, 22/04/2005) percebe uma trajetória em que: *“nós conseguimos conquistar nossos espaços dentro das universidades”*, e completa, *“acho que o Ministério (referência ao PUR) conseguiu alcançar as metas para a graduação, que é fazer com que as pessoas tenham experiência com Deus. Talvez na Federal sejam poucas as pessoas que nunca participaram de nada e que vêm para o GOU, mas em todo o Projeto tem muitas histórias de pessoas que*

não conheciam nada, não participavam de nada e hoje estão no Projeto”, afirma. De maneira um pouco diferente, Marta (Entrevista, São Carlos, 05/04/2005) avalia que “foi muito festivo o ENUCC do ano passado. Não teve momento de profundidade na oração, foi comemoração – agradecer a Deus pelos 10 anos. Talvez para quem foi pela primeira vez não foi tão bom quanto aqueles em que eu fui em 2001, este foi tudo de sonho mesmo. O do ano passado foi agradecendo por tudo o que aconteceu. De 2001 foi mais importante para mim do que do ano passado”, confirmou.

Em suma, o Encontro Nacional de Universitários Católicos Carismáticos desempenham um papel vital para o desenvolvimento e continuidade do PUR, por ser um momento de injeção de ânimo nos universitários dos GOUs. Pois, como relata Marta, *“quando você vai para um ENUCC, você sai de lá: ‘vou montar um GOU, se não tem... vou montar. Se tem, vou manter...’, é GOU, GOU e GOU... porque o PUR acredita no momento, (...) começa com um, dois, e vai anunciando, e Deus vai mandar. Este livro da Ivna, metade é o testemunho de como ela funda o GOU na faculdade dela. Você ouve essas palavras, dá aquele ânimo de trabalhar no Projeto, ou fundar se não existe. O objetivo é sempre esse”, atesta.*

No Encontro Estadual de Universitários Católicos Carismáticos (EEUCC) de Franca em abril de 2004, na UNIFRAN, estiveram reunidos cerca de 500 universitários de faculdades paulistas. Por meio da observação participante, notamos de início, num ginásio poliesportivo da faculdade, uma recepção festiva com músicas ensurdecedoras, ecoadas na acústica ruim do local. Neste EEUCC,

esteve presente a então coordenadora nacional do PUR, Ellen Resende. A primeira pregação no sábado de manhã, teve como ênfase sugestões e questionamentos de orientação do comportamento individual dos universitários diante da fé (carismática). O pregador referiu-se em vários momentos, aumentando o tom da voz, da seguinte maneira: “**Você** universitário que está aqui hoje louvando o Senhor...”, “**Você** jovem que acredita no amor de Deus...”, “**Você** estudante que é amado por Deus e diferente dos seus amigos drogados, viciados em sua universidade, agradeça e reze...”, etc. O pregador encerrou sua fala no melhor estilo carismático, falou de seu momento de contato profundo com Deus na oração quando estava na universidade em 79. O louvor que se seguiu ao término de sua pregação, provocou o choro em muitos universitários que, com suas mãos erguidas, cantavam e dançavam de maneira eufórica, como de costume na Renovação Carismática. No período da tarde do sábado, os participantes se dividiram em diversos seminários. Para os que estavam participando de um EEUCC pela primeira vez, a coordenadora nacional presente, falou sobre a origem, objetivos e trajetória do PUR. No domingo de manhã, foi a vez de alguns universitários de longa caminhada no Projeto darem o testemunho entusiasmado de como conheceram o GOU, e principalmente, como o GOU foi importante na caminhada universitária de cada um deles, bem como no fortalecimento da fé. No primeiro momento da tarde do domingo, Ellen Resende tornou a enfatizar a caminhada de conquistas que o Projeto acumula. Sua fala foi seguida mais uma vez com um louvor de muita emoção, lágrimas, sorrisos, abraços, acompanhado de músicas tradicionais da Renovação Carismática, evocando a presença do

Espírito Santo, dirigido pelo coordenador estadual do PUR. O momento auge neste momento foi a oração em línguas. O EEUCC terminou com uma missa presidida pelo bispo diocesano que, um tanto desavisado, disse em sua homilia estar feliz ao ver o encontro dos universitários católicos em Franca, que parecia iguais aos que tinham na sua época de estudante, organizados pela Pastoral Universitária (PU). No entendimento dele, o encontro de universitários carismáticos representava uma ação da PU.

No II Dia de Louvor Universitário Diocesano, em abril de 2005, na cidade Araraquara, estiveram presentes pouco mais de 30 universitários, que representavam os GOUs da UFSCar, USP-São Carlos, UNESP-Araraquara e UNIARA. O evento foi no anfiteatro da UNIARA. O tema do encontro era: “Vos quero fortes como a madeira da minha cruz”. O encontro iniciou com uma missa presidida por um padre carismático da cidade, acompanhado por um diácono também carismático. Logo em seguida ao término da missa, o padre expôs o Santíssimo para adoração e louvor, e deu a benção. Após uma pausa para o café, os participantes retornavam e iniciou-se, dirigido pelos universitários de São Carlos que estavam dirigindo o evento, um louvor com várias músicas carismáticas. Deve-se notar a variação em dois pólos opostos neste louvor. A música inicial, em alto som, produzia um grande agito nos participantes. Chegando a um pico deste momento, o som ia se tornando cada vez mais baixo e a dirigente disse: “*Feche seus olhos, e vá louvando o Senhor...*”, quase em silêncio, cada universitário intimamente fazia sua oração. Passado alguns minutos, o baterista sinalizava o início de mais uma música. O som começa a aumentar até

que todos já estavam pulando e dançando agitados novamente. A pregação após o louvor realizada por um aluno do doutorado em matemática da UFSCar, deu importância em enfatizar a relação do tema do encontro com a postura do universitário diante da sociedade. Argumentando com alguns exemplos de desigualdade social do mundo capitalista, o pregador apontou: “*os conflitos da vida em sociedade só em Deus serão aliviados*”, portanto, além da dimensão da busca pelo alívio em Deus que o universitário deve exercitar, o universitário carismático também deve ser o sinal para aqueles que ainda não tiveram uma experiência com Deus. A primeira pregação no período da tarde foi o testemunho do “sonho” do PUR, com relatos da história e origem em Viçosa. Para encerrar o Dia de Louvor Universitário em Araraquara, houve uma pregação com forte ênfase carismática sobre o tema do encontro. A preocupação do pregador, que em vários momentos esbravejava ao microfone, era mostrar a missão transformadora pelo exemplo pessoal que cada universitário deveria assumir na universidade. O emblema desta transformação deveria ser símbolo da cruz que o universitário precisa ser. O apoio divino não faltará, conforme disse o pregador: “*Por que você está aqui hoje?*”, instigava ele, “*somos profundamente amados por Deus*”. O encerramento foi marcado pela oração ao Espírito Santo com imposição de mãos uns sobre os outros.

O I Encontro Regional de Universitários Católicos Carismáticos (ERUCC) realizado no campus da UNESP de Rio Claro, em maio de 2005 reuniu cerca de 35 universitários das instituições: Unicamp, Esalq-Piracicaba, Faculdades Claretianas de Rio Claro e UNESP/Rio Claro. O evento foi dirigido pelos

universitários do GOU da Unicamp, pois o PUR na diocese de Campinas está mais estruturado, portanto vieram dirigir o encontro na diocese de Piracicaba para motivar o desenvolvimento do PUR em Piracicaba e Rio Claro, em particular. Num anfiteatro do Instituto de Biociências da Unesp, adornado com bexigas azuis e brancas (cores do símbolo do PUR), os participantes iniciaram um louvor com músicas evocando a vinda do Espírito Santo. A primeira pregação, dirigida por uma aluna do mestrado em letras da Unicamp, enfatizou o plano de Deus para a vida das pessoas, em que Jesus deve ser o Senhor e Dono. O testemunho da pregadora foi arrebatador: *“quando eu entrei na universidade, houve uma mudança muito forte na minha vida: perdi meus contatos, perdi meus amigos, o único amigo que tive foi Jesus”*. A motivação era para que cada universitário carismático, estando acompanhado por Jesus, impusesse uma forma de relacionamento transformadora na universidade. Disse a pregadora: *“perto de mim, meus amigos não falam palavrão”*. E completou: *“por isso, dai-lhes vós mesmos de comer, com Jesus a gente consegue”*. Outra universitária, iniciando um momento de louvor, começa a orar dizendo aos participantes: *“Fala para o Senhor a dificuldade de ser cristão na universidade... Fala para o Senhor tudo que tem doído no seu coração... Ele quer que você, por livre e espontânea vontade, fale com Ele... Fala que ele pode reinar em todas as áreas de sua vida.... Quando estiver sentado na sala de aula, convide o Senhor para sentar ao seu lado; se você vai sentar-se em frente ao computador, convide o Senhor para sentar ao seu lado... Entregue para o Senhor todas as provas difíceis...”* Abraçados em um grande círculo, os participantes, vários chorando e embalados pelas canções, uníssonos

oravam em línguas. Partilhando o que Jesus estava agindo naqueles instantes, apressadamente alguns universitários testemunharam: *“eu estava angustiada por viver aqui em Rio Claro sozinha, queria ir embora, iria desistir de tudo, mas hoje senti que o Senhor estará comigo e é para eu continuar”*; *“eu estou há mais de 24 horas sem dormir, tenho várias provas pesadas esta semana, mas eu estudei antes para poder vir aqui, e todo o cansaço que eu estava sentindo, o Senhor tirou de mim”*; *“eu tive uma prova esta semana, não deu para estudar, o Senhor sabe disto... Aí tive que entregar nas mãos de Jesus. Ainda não sei o resultado, mas acho que fui bem”*. O evento foi encerrado com a missa.

Em síntese, a exposição dos eventos dos universitários católicos carismáticos comportam a característica descrita por Prandi:

“Valorizando as experiências extáticas, os encontros carismáticos católicos procuram seguir uma estrutura ritual razoavelmente padronizada capaz de controlá-las. O uso constante de orações e cânticos não se dá de maneira aleatória e desordenada. Em geral, é obedecida uma sequência litúrgica controlada pelos líderes, que dela se valem para administrar o desenrolar das cerimônias” (1997:62).

Pode-se destacar ainda que no contexto universitário, o GOU reproduz, “com uma teologia intimista (...) o estabelecimento de vínculos e o surgimento de partilha de uma fé individual” (Prandi,1997:54), tipicamente da Renovação Carismática Católica, de onde quase todos universitários do GOU cresceram. Como resultado desta fé carismática praticada na universidade, pode ser observado que, como aponta Benedetti,

“O dogma, a verdade da fé, sofrem neste processo, uma reduplicação de sacralidade: objetivamente sacralizados como verdades, recebem uma sobrecarga de absorção (subjetiva) através de adesão emocional-afetiva intensa. Ao reduzir o objetivo ao subjetivo, o real à interpretação, a crença à experiência subjetiva da crença, os pentecostais católicos adoram sua própria emoção religiosa” (1988:283).

Diante deste notável desenvolvimento do “sonho” do GOU, que no começo esteve ligado à RCC pela Secretaria Marcos responsável pela evangelização dos jovens, numa reunião com o Conselho e com a Comissão Nacional da RCC, em julho de 1998 o PUR tornou-se uma secretaria específica, a Secretaria Lucas. Como explicado na cartilha de 2000, o nome escolhido do evangelista Lucas deve-se às evidências bíblicas de que teria sido médico. [São Paulo chega dizer “Lucas, o médico amado” (Cl 4,14)].

Mais do que uma secretaria responsável pela evangelização carismática na universidade, a Secretaria Lucas – PUR, constitui-se num particular elemento do campo religioso católico carismático, que tem sido motivo de alguns embates com a hierarquia da própria RCC. Por estarem distantes da vista dos padres, e também dos coordenadores diocesanos da RCC, pois estão no interior da universidade, com seus 10 anos de história, o PUR, por meio de algumas lideranças num Encontro Virtual de Universitários Católicos Carismáticos (EVUCC) de 10 de abril de 2005, em diálogo com o atual Presidente do Conselho Nacional da RCC-Brasil, Marcos Volcan, exige: *“QUEREMOS UMA UNIDADE MAIOR COM A RCC”*. Deve-se notar que não se trata de um desejo por uma simples aproximação na forma de atividades de evangelização, mas almejam um lugar de

ponta em áreas estratégicas da RCC. A resposta de Volcan é pontual: *“Temos falado em sonhos e visões. O MUR¹ tem esta linguagem. E atinge muitas pessoas, não só nas universidades, mas também profissionais que fizeram esta experiência. A RCC quer contar com o MUR. Gostaria especialmente de contar com o apoio, neste momento, em dois ministérios: promoção humana e fé e política”*.

Vistos a origem, estrutura e desenvolvimento do GOU, pode-se perguntar: como os próprios universitários pensam o sentido prático da evangelização católica carismática no cotidiano da vida universitária? Desta maneira, o próximo capítulo tratará de apresentar alguns depoimentos, sintetizá-los em categorias e analisar seus conteúdos.

¹ Com a atual mudança na nomenclatura de secretarias para ministérios, que não exploraremos nesta pesquisa, o PUR passou a ser denominado MUR – Ministério Universidades Renovadas. Na prática ainda é bastante usual o termo PUR, o que significam a mesma coisa PUR e MUR.

Capítulo IV

O “sonho” do GOU no cotidiano da universidade

Na *home page* do Projeto Universidades Renovadas pode-se ter acesso a um cadastro nacional *on-line* dos Grupos de Oração Universitários de todo o país. Há pouco mais de 700¹ registros neste cadastro. O primeiro Estado com maior quantidade de GOUs é São Paulo, com cerca de 184. Em segundo lugar é o Estado de Minas Gerais com 124, e em terceiro é o Estado do Paraná com 100. Na presente pesquisa trabalho-se com informações coletadas em treze entrevistas abertas².

Uma primeira nota importante observado neste cadastro, diz respeito ao nome dos GOUs. Além dos nomes típicos já conhecidos dos tradicionais grupos de oração (nome de santos, Nossa Senhora, termos bíblicos, etc), alguns

¹ Conferir: www.pur.com.br. Acessado no dia 10 de Junho de 2005, o cadastro acusava 707 GOUs. É preciso lembrar que em uma única universidade pode haver mais do que um GOU. Portanto, este cadastro não representa 707 faculdades diferentes. Não há um registro estatístico de número médio de participantes por GOU; cursos universitários que freqüentam as reuniões do GOU; porcentagem de homens e mulheres; alunos de quais anos mais participam, etc.

² Estas entrevistas contemplam universitários dos GOUs da UFSCar, Unicamp, Esalq/USP-Piracicaba e USP-São Carlos. A maior parte dos entrevistados é do GOU “Jesus Vive”, da UFSCar., como também a ênfase na observação participante, pois é a delimitação deste estudo. Não será feito a descrição destas observações neste texto, pois o que foi observado diz respeito à dinâmica geral dos grupo de oração da RCC (ver Benedetti,1988; Prandi,1997, Miranda1999; Carranza,2000; Mariz,2004; entre outros). A especificidade do GOU pode ser notada nos eventos regionais e nacionais, como já descritos, e também nas explicações pessoais que cada universitário constrói sobre a importância da evangelização carismática. As entrevistas nas outras instituições foi devido à proximidade com a UFSCar, e também para observação comparativamente algumas características observadas no GOU da UFSCar

nomes de GOUs traduzem uma função específica do PUR: ação religiosa querigmática (“evangelização fundamental”, “primeiro anúncio”), tais como: “Confiança”, “Anuncia-me”, “Kerigma”, “Missão”, “Luz da Nações”, “Construindo uma nova identidade”, “Desperta”, “Luz do Mundo”, “Luz da Esperança”, “Luz da razão”, “Anjos da Luz”, “Resgate”, “Sal e Luz”, “Luz divina”, “Deus do Impossível”, “Virgem do silêncio”, “Anunciação”, “Sementes de uma nova geração”, “Deus proverá”, etc. A incidência da palavra “luz” não é casual. O que parece estar na base desses nomes parece ser o sentido da *virtude dinamogênica* da religião, como proposto por Émile Durkheim.

Ou seja, como explica Durkheim:

“as crenças não são essencialmente conhecimentos que enriquecem nosso espírito: sua principal função é a de suscitar atos. Por detrás das crenças existem, pois, forças. Uma teoria da religião deve antes de tudo mostrar o que são estas forças, do que elas são feitas, quais são suas origens. É preciso que tudo seja dito quando tivermos explicado como, para além do real, chegamos a conceber teoricamente um ideal. É preciso ainda, mostrar como esse ideal é motor, de onde ele retira as forças que lhe permitem agir, e agir da maneira que o caracteriza” (1977:4).

Com isso, seguindo esta orientação teórica de Durkheim, é possível sugerir, ainda que *a priori*, que o “sonho” do GOU tem sido acionado pelos universitários através de forças do próprio cotidiano da universidade nos dias de hoje, e isto passa a ser o seu limite, ao contrário do que preconiza o “sonho” original de Fernando Galvani, que é o de fornecer profissionais aos quadros de lideranças, sobretudo políticas, do país. Mais do que uma simples característica

contraditória que possa ser presumida, isto nos aproxima da idéia mais ampla de uma crise *querigmática da Igreja*, discutida por Danièle Hervieu-Léger, onde no interior da sociedade, no caso específico desta pesquisa, a universidade, “a linguagem doutrinal e querigmática da Igreja, é submetida a uma verdadeira raspagem” (1973:549).

Nas palavras de Hervieu-Léger:

“todo o problema consiste em saber se esta dinâmica própria do discurso e da pregação do cristianismo pode continuar funcionando em uma sociedade onde um sistema religioso de representações do mundo e da história deixa progressivamente de constituir o tecido da ideologia dominante; onde uma interpretação sobrenatural do porvir individual e coletiva do homem tende, pouco a pouco, a desaparecer das mentalidades coletivas. Coerente com um universo cultural globalmente cristão, esta lógica da ‘tradição’ falha quando lhe falta o suporte de um consenso religioso identificado com um consenso social” (1973:550).

A universidade representa, para fins analíticos desta pesquisa, o modelo mais ilustrativo desta disjunção de que fala a autora. Diante deste cenário, já é possível afirmar que a evangelização carismática na universidade tem que necessariamente lidar com esta dimensão desligada dos preceitos religiosos, em especial cristãos, que a universidade representa. Surge então o segundo problema na evangelização carismática na universidade, que diz respeito à função de regulação das formalizações teológicas, como aponta Hervieu-Léger, pois, diz a autora:

“A maneira de pensar e de transmitir as modalidades de acesso dos homens a Deus, a intervenção de Deus na história e a missão da Igreja no mundo podem ser analisadas sob o ângulo (...) da racionalização a posteriori dos diversos modos de integração social da instituição eclesial que ela veicula. O problema consiste, mais uma vez, em saber se esse processo de regulação pode ainda funcionar a partir do momento em que o corpo eclesial experimenta sua própria marginalidade social” (1973:552).

Se a regulação religiosa da vida social é colocada à prova, pode-se derivar a seguinte questão: Para quem o “sonho” (católico carismático) de ver a universidade repleta da doutrina de Jesus faz sentido e pode ser divulgado? Em busca de respostas, observamos e consultamos a opinião daqueles que estão “sonhando” na universidade: os universitários católicos carismáticos que fazem parte do GOU.

**Dilemas do “sonho” de evangelização universitária:
perfil de uma identidade religiosa, reconstrução dos laços familiares, uma
postura acadêmica e a projeção político-social.**

Na trajetória de desenvolvimento do Projeto Universidades Renovadas, embora as lideranças e os documentos apresentem um processo linear ascendente, há vários dilemas sinuosos que comportam uma realidade desde sua origem ora muito distante, ora revivificada e ampliada.

Lourdes (Entrevista, Piracicaba, 05/05/2005), mestranda em Agronomia na Esalq/USP que esteve no início do PUR em Viçosa diz que *“é interessante as pessoas saberem que há um lugar onde faz oração, onde pode buscar apoio dentro da universidade”*. Isto podia ser notado na presença que os universitários carismáticos demonstravam dentro do campus da UFV, pois eram respeitados por todos. Ela afirma: *“eu tenho plena certeza, se toda universidade, faculdade, tiver um grupo de oração que dê apoio, que acolha todas as pessoas, eu acho que não haveria tanta morte por suicídio, ou por drogas. Porque é muito triste para nós sabermos de um fato deste, sabendo que Jesus está ali, e que são universitários como nós, e ele pede assim: dá seus braços, suas pernas, seus olhos, e principalmente seus lábios, porque eu quero ficar com vocês. Isso que é fundamental, mesmo naquela correria universitária, provas, mas é preciso dar*

aquele momento... Ele quer seus braços, suas pernas, boca, que ele quer falar, dá este momento para ele, que ele vai fazer..."

De modo bastante comum, o que tem acontecido é o intenso envolvimento daqueles que já possuem uma vivência religiosa carismática antes de ingressar na universidade. Carla, do curso de fisioterapia da UFSCar e coordenadora diocesana do PUR na diocese de São Carlos, acredita *"que é muito mais fácil uma pessoa que já participa da RCC chegar na universidade sabendo que há um grupo de oração e começar a participar"*. Isso é positivo, segundo Fernanda (Entrevista, Campinas, 27/04/2005), mestranda em Letras e coordenadora do GOU da Unicamp, pois faz com *"que a pessoa não perca o direcionamento por estar longe de casa, que ela possa manter o passo firme, não precise se desviar para as drogas, para as bebidas, alguma coisa do gênero"*.

Há também um enfático interesse de que o GOU seja uma possibilidade para reavivar a fé católica dos universitários que deixaram de ir à Igreja. É o que considera Ana, aluna do curso de administração e coordenadora do GOU na Unimep. O objetivo *"não é simplesmente fazer com que a pessoa participe do GOU; é fazer com que a pessoa volte para a Igreja. Esse é o intuito: fazer com que a pessoa se insira dentro da comunidade"*, afirma. Ana relata o que aconteceu com uma amiga: *"uma amiga minha, do meu ônibus, conheci ela, foi muito lindo o que aconteceu com ela; fazia dois anos que ela ia na missa, não se confessava, ela foi no GOU, na semana seguinte ela foi na missa, depois foi se confessar, depois ela queria ir no grupo de oração. Foi um processo muito bonito a partir do GOU. Hoje ela voltou para a Igreja"*. Esta característica geral da RCC é o

que Prandi aponta: “tem atraído de volta às igrejas católicas contingentes cada vez maiores de desvalidos de toda sorte” (1997:63).

O retorno a uma vida ativa na Igreja, foi o que aconteceu com Luciano (Entrevista, Araraquara, 09/04/2005), aluno do curso de engenharia ambiental da USP-São Carlos. Ele diz: *“eu acho que essa profusão de Deus ter me tocado no GOU foi quando eu tive uma crise. Uma crise afetiva na minha vida quando eu terminei meu namoro – era meu primeiro namoro. Aí eu estava bem pra baixo, bem deprimido, bem isolado na cidade... Eu acho que foi aí que eu comecei a procurar com mais sede aquilo o que foi quando Deus me tocou. Comecei a ver aquilo com outros olhos tudo aquilo que estava acontecendo, que Deus me queria ali e queria que eu participasse mais de perto, mais intensamente ali do GOU. Fiquei um bom tempo sem ir na missa, só que aí eu continuei participando mais ativamente da missa, participando diariamente”*, afirma.

O contato com o GOU provocou um processo de mudança na vida de Luciano. Sendo perguntado se mudou alguma coisa na sua vida acadêmica, ele diz que mudou muito: *“eu tinha medo, tinha muito medo; quando chegava época de prova eu acho que não tinha uma auto-estima, não tinha força, eu ficava pensando em prova, preocupado... eu tinha medo, não conseguia estudar, eu não conseguia me concentrar; acho que este contato me fez acreditar mais na providência, entregar mais e ser mais batalhador, tentar buscar, mas com a certeza de que Deus está ali auxiliando, acho que isso foi um ponto fundamental que o GOU me ajudou”*.

Processo semelhante foi o que aconteceu com Emília (Entrevista, São Carlos, 07/12/2004), estudante de pedagogia da UFSCar. A partir do momento que começa a participar do GOU, Emília lembra de sua primeira ida ao GOU: *“só senti e vi que estava rendida de mãos erguidas... eu que tinha medo, não era de RCC ou de pular e bater palmas, nunca estive no meu jeito de rezar, a sala era muito grande, não tive vergonha, até no começo parecia que eu estava diferente, mas não é nada assim, estava rendida de braços estendidos...”*A partir disto, em seus estudos, Emília relata: *“realmente, eu acho que até começaram a aparecer coisas que me tornaram bem mais fortes, saí do morno, eu percebi muita diferença, na postura em tudo, eu entrava para a sala de aula, no meu vidrinho, ficava confinada, apertada, não tinha voz, não retrucava. Tinha um professor, que por ele ser da parte de filosofia e história, ele cacetava de tudo quanto é forma a Igreja, e metia paulada mesmo, parece que o papel dele desde a primeira aula era cacetar a Igreja. Comecei a perceber que eu não era mais morna, mudanças de atitudes. Na convivência com os amigos de casa, eu passei a ser mais chata, mas por outro lado eu passei a falar, eles sempre pediam que eu falasse. Passei a ser meio alvo, mas isso também não tinha problema para mim, os laços ficaram um tanto mais fortes, foi bom”*.

Por fim, preservar a identidade carismática na universidade é enxergar o *“GOU como uma seta para a Igreja”*, como atesta Marta, estudante do curso de química da UFSCar. *“A gente está sempre falando isso no GOU: traga mais alguém, convide mais colegas, etc.”*, diz Marta.

Davi (Entrevista, São Carlos, 08/12/2004), aluno do curso de engenharia civil da UFSCar, começou a participar do GOU já na segunda semana do início do ano letivo. Já sabia que existia o PUR e por isso, logo que chegou foi buscar informações na UFSCar. *“Quando eu entrei na sala, estava o R., M., acho que a C., aí começaram a conversar comigo e perguntar, pois eu já estava com o crucifixo, pensaram que eu devia participar de alguma coisa. Me acolherem super bem. Aqui na universidade, como as pessoas só ficam cinco anos aqui dentro, então a rotatividade é muito maior: para servir, para cantar, para pregar no grupo de oração, tem que ser bem mais rápido. Óbvio que quando chegam os ‘bixos’ a gente procura quem tem uma caminhada para ter uma bagagem maior para ir direto servir”. Assim, “o pessoal que já tinha uma caminhada na Igreja, quando vem participar do GOU, acaba indo para a liderança, às vezes a pessoa nem é muito boa para nada, mas a gente precisa dela para fazer alguma coisa, e como ela já participava, ela acaba assumindo alguma coisa”, aponta Davi.*

É preciso observar que estes depoentes são todos de origem católica. A maioria já era participante da RCC. Embora alguns não tenham tido possíveis contatos com a RCC antes, o fator de ligação é a experiência católica, mesmo com o catolicismo “só de missa dominical”, o que é uma ligação muito próxima, sem grandes barreiras simbólicas. Como a maioria é de origem de famílias carismáticas, podemos afirmar que os universitários do GOU são os “filhos da RCC”, ou “a segunda geração”, com um detalhe importante: possuem formação de Ensino Superior, e querem dar a prova que é possível continuar sendo católicos carismáticos num ambiente avesso às sugestões religiosas, a

universidade. Para tanto, o primordial é estabelecer relações de amizade com universitários carismáticos. Com isso, o sentido de “família” que o GOU passa a exercer para estes “filhos da RCC”, num convívio fora da universidade.

Lourdes lembra quando os calouros chegavam na universidade: *“ficavam longe da família, aí a gente se reunia no final de semana, ia para um lugar comer alguma coisa, uma pizza, tomar um vinho, e isso criou um vínculo, porque neste momento a gente conversava, assistia a um filme, etc. Experiência de família mesmo”*. Esta característica permanece bastante forte ainda hoje no GOU. *“Quem fica aqui [São Carlos] final de semana faz alguma coisa”,* como relata Carla, *“sai comer pizza, assistir um filme, então tem uma integração fora do GOU. O Ministério Universidades Renovadas não é só dentro da universidade uma vez por semana, isso é coisa que estende. Muitas pessoas continuam indo no GOU porque acaba fazendo amizades com outras pessoas, estudam juntos, ou porque fazem disciplinas juntos. Na medida que esta integração acontece, as pessoas permanecem no GOU, outras pessoas nem se integram, mas se sentem bem ali e acabam voltando, indo no GOU toda semana, e tem aquelas pessoas que nunca têm tempo para nada, mas sempre quando podem passam ali, então tem de tudo...”*

Fernanda considera *“que um dos objetivos do grupo de oração é integrar as pessoas fora de casa, como se fossem uma segunda família mesmo. Foi o que aconteceu comigo: eu fiz mais amizades com o pessoal do grupo de oração, do que com o pessoal da faculdade”*. Ela explica ainda que *“tem as Partilhas Femininas, e as Partilhas Masculinas. A gente se reúne na casa de*

alguém, só meninas, para falar coisas de menina, faz alguma coisa para comer, e se diverte, ou só meninos, na casa de menino, para fazer a mesma coisa”. Pois, para ela, o fundamental do GOU “em primeiro lugar é esta família que é o Projeto, que as pessoas tenham uma direção certa para Deus, que eu chamo de vida plena mesmo, feliz, verdadeiramente feliz, eu acho que existe outras opções, mas esta é uma opção com a qual eu me identifiquei e com a qual muitos se identificam”.

Kátia, aluna do curso de ciências sociais da Unicamp, considera que quando começou a *“participar do GOU, eu senti como resgatando tudo aquilo que eu já vivia antes, de vida em comunidade, aí eu fiz muitos amigos, inclusive amigos que a gente tem contato sempre, não só nos GOUs, mas de se encontrar nos finais de semana, família mesmo. Eu acho que o ponto mais legal que o GOU me proporcionou, além do abastecimento espiritual, foi uma comunidade mesmo”.*

Este mesmo sentido de comunidade é frisado por Davi ao contar sobre a vivência em república: *“um dos carismas da RCC é viver em comunidade, viver no mesmo local, passando pelas mesmas dificuldades”.* Em São Carlos há uma república masculina chamada República São José, onde moram cinco universitários carismáticos, inclusive o próprio Davi.

Diferentes atividades em torno do GOU podem acontecer em todos os dias da semana, o que faz com que os universitários tenham um contato frequente por conta disto. Luciano afirma: *“o nosso GOU acontece na quarta-feira, num bloco de engenharia. Tem a mesma estrutura de um grupo de oração da RCC fora da faculdade, como todos os momentos, pregação e louvor. Na terça-*

feira, a gente tem um momento de Núcleo, onde vão os integrantes que estão mais perto do grupo, vão partilhar, orar pelo grupo de quarta-feira, montar as pregações, animação e tudo. Na quinta-feira, a gente junta de novo que aí é a intercessão, para interceder pelos jovens universitários, para que eles sejam tocados, que Deus aja em nós e neles através do Projeto. Agora mais recentemente, a gente junta de sexta-feira, que é um meio de confraternização. A gente começou faz um mês, chama Pró-macarronada, a gente se reúne na casa de alguém para ter um contato mais amistoso, estar se conhecendo”.

Ao observar o fato de que alguns universitários dos GOUs terem ido viver em comunidades carismáticas (Toca de Assis, Shalom, etc), Luciano nota: *“na medida em que você vai viver esta vida de comunidade [república], de querer estar buscando coisa diferente, eu acho que a gente vai vendo esta comunidade como ápice do cotidiano, daquilo que a gente quer para nosso dia-a-dia, então, não que seja uma regra e todos queiram ir, mas acho que aquilo instiga, acho que é uma realidade que seduz, o que a gente partilha”.* Mas, lembra Carla, *“o objetivo do Ministério não é formar religiosos ... agora, o que acontece é que as vezes você evangeliza, quando a pessoa tem um encontro com Deus...acaba se entregando totalmente”.*

Marta acredita que é a relação de amizade fora da universidade que sustenta o universitário carismático. *“Nem sempre a gente vem no GOU por causa de Deus, ou com vontade de rezar; a gente vem por vontade de ver os amigos mesmo. Falando muito pessoalmente, às vezes a gente está desanimado, aí dá vontade de vir ver os amigos, dançar, cantar, abraçar. Porque fora daqui tem*

muito isso, convivência. Quem fica aqui [São Carlos] no final de semana está sempre fazendo alguma coisa junto, nem que seja sair comer no Mister Chic e assistir um filme, não tem graça alguma, outras vezes ir no karaôkê, tem gente que gosta de forró, vai no CAASO, sempre quando alguém está indo numa festa, sempre está convidando, a gente convive bastante, graças a Deus. Na hora de promover algum evento, arrecadar dinheiro, aí a convivência é intensa, porque a gente tem que sair na rua para pedir patrocínio”. Com tudo isso, “o GOU mantém a nossa fé, de estimular você a buscar os sacramentos, buscar a oração, restauração...”, afirma Marta.

Como em qualquer grupo de convivência jovem, há sempre alguns ressentimentos. Emília lembra que *“no ano passado [2003] eu fiquei um pouco ausente, pois estava dando aula, trabalhando; no final deste semestre estava difícil até ir nas reuniões do GOU em si mesmo, então foi complicado, sentia falta, pensei ‘nossa, eles não se interessam por saber qual o destino?’ A gente fez isso há um tempo atrás com uma amiga, ela estava atribulada, tentando o mestrado, provas, ela estava meio afastada, a gente juntou e não pensou duas vezes, fomos lá fazer um carinho nela, todo mundo do grupinho; combinado com a irmã dela, entramos e fizemos mais do que um GOU, rezamos, agradecemos o companheirismo dela, não levou muito tempo, e foi tocante, muito bonito, a gente acha que estava dando, estava recebendo também, é como uma flor que você está ofertando e o perfume vai ficando na sua mão também, fez bem para todo mundo... não sei, tem hora que eu sou carente do pessoal, parece que faz falta isso – ‘será que fariam para mim?’, cheguei a pensar, mas isso é muito bobeira...*

teve um outro episódio, eu estive doente, cheguei a ir ao grupo queimando de febre, as meninas da saúde me abraçaram indignadas: ‘nossa, você está com febre!!!’; só que eu vi elas virarem as costas e eu voltar para o alojamento, ficar caída lá.... então esse episódio foi um pouco dolorido”.

Ao longo dos anos, foi se cristalizando na experiência da evangelização carismática na universidade um modo próprio de se relacionar com as “barreiras” do mundo acadêmico. Pois, como afirma Ana, “o meio universitário é um meio ao mesmo tempo difícil para evangelizar, porque a gente lida com a racionalidade: quanto mais racional, mais difícil você querer convencer uma pessoa... não convencer propriamente, mas falar de Deus, que é algo, entre aspas, abstrato, não é algo concreto – e o que é o PUR?, unir fé e razão, ele pode ser racional sim, mas ele também pode ter fé; ao mesmo tempo é um meio difícil porque existe esta coisa da racionalidade, só que ao mesmo tempo são jovens sedentos de alguma coisa, não posso dizer que são sedentos de Deus, porque eles não sabem, mas são sedentos de alguma coisa. (...) Você acaba abordando o universitário não de uma maneira assim: ‘olha, você precisa conhecer o GOU’, não desta maneira, mas assim: ‘olha, está aqui o convite, se você quiser, tem algo muito bom para você lá, mas não é algo que te prende’, porque o GOU é isso, não é algo que vai prender, são 20 minutos, você pode pensar que é muito pouco, mas para Deus não é, são 20 minutos que Deus vai fazer na vida de muitas pessoas, é maravilhoso no meio universitário por isso, existe esta sede de conhecer algo diferente, algo novo, que não é palpável, mas preenche”. Portanto, acrescenta Ana, “o GOU na verdade não é algo voltado para o jovem universitário, mas que

não quer algo que aprisione, ele não quer, porque ele não vai ficar, não vai voltar. Por exemplo, o que nós fazíamos era falar num linguagem do jovem mesmo. ‘Você é cristão e não pode ir à festa, fazer isso, não pode fazer aquilo’; a gente nunca tocou neste assunto, que são assuntos muitos taxativos, muito polêmicos, a gente sempre falou que o jovem é livre para usufruir das coisas; o que nós procurávamos mostrar é que a liberdade só é conquistada a partir do momento que a gente pode dizer NÃO – ser livre é quando você pode dizer não. Se alguém está oferecendo uma droga você pode dizer não, porque isso não faz bem, porque eu não quero beber e encher a cara, isso não faz bem... Era isso que nós procurávamos mostrar, essa sede que ele buscava, que só poderia ser preenchida por Deus, a gente nunca era taxativo em dizer que podia aquilo, ou não podia isso, porque nós cairíamos no afastamento deste jovem, nós procurávamos falar sobre o catolicismo sim, nossa identidade”, concluiu.

A função do GOU na universidade, segundo Luciano, é a de ser como uma “flor no deserto”. Ou seja, diz ele, “a gente está ali [universidade], mas talvez não esteja vendo com nossos olhos humanos a graça que Deus está fazendo lá dentro, mas a gente sempre partilha isso: a gente não precisa estar enxergando, a gente tem fé que Deus está agindo ali mesmo que gente não veja de imediato os frutos que a gente desejaria”. Porém, ele reconhece que há uma resistência nítida à prática religiosa na universidade, pois “é uma realidade totalmente na contra-mão daquilo que o meio universitário prega, (...) você tem tudo o que é de material ali ao seu alcance, é muito mais fácil, muito mais cômodo. Queira ou não, a gente nada contra a maré, mesmo sendo minoria. Antes

eu pensava assim, a gente é minoria e nunca vai vencer. A diferença é que temos Deus como escudo, Jesus como escudo e como pilar de nossa vida, (...) a gente não cansa de nadar contra a maré, buscar novos nadadores para estar com a gente buscando tentar ramificar (...) mas a resistência eu acho que existe sim”.

O contexto acadêmico, como afirmamos anteriormente, traz ao GOU um certo *status* de autonomia em relação à RCC. “*O fato de estar numa universidade, desvinculado de uma paróquia, parece que é uma coisa solta, que não tem um compromisso, uma seriedade. Isso é o que parece, não é beeeemm assim... a gente tem lutado muito para se organizar, então o que eu vejo é que a gente fica meio desamparado, (...) nossa realidade é mais diferente, a gente precisa agir de certa forma que não condiz com aquilo que a RCC espera*”, diz Fernanda.

Acentuando esta diferença, Carla afirma: “*a rotina de um universitário é diferente da rotina de uma pessoa normal, que trabalha e tal*”. E tem mais, “*muitas vezes os encontros diocesanos da RCC são no final de semana, as reuniões são finais de semana, nem sempre os universitários ficam na cidade no final de semana, ou de feriado prolongado, muita gente vai para a casa nos feriados, ou tem aula, então esta conversa [com a coordenação diocesana da RCC] fica dificultada por conta de tudo isto. (...) O PUR é visto com certa cautela (...) De certa forma tem o preconceito porque é universitário, e a gente também tem o preconceito porque ‘nós estamos na universidade’, ‘nós sabemos isso, isso e isso’, então eu acho que existe a dificuldade quando o preconceito dos dois lados é muito grande. (...) O pessoal brinca – os ‘luquinhas’, nós temos a nossa ‘grif’*,”

então tem bolsa com luquinha, tem chapéu com luquinha, tem camiseta com luquinha, e os outros ministérios não tem isto, e é verdade. Mas só que isto é uma dinâmica da universidade, vai ter festa, a gente faz com camiseta; tem congresso com bolsa, etc, então isso é uma coisa que faz parte da nossa realidade [acadêmica]”.

Os pedidos de oração e o louvor no GOU atendem aos conflitos e demandas da vida acadêmica: provas, trabalhos, estágios, monitorias, bolsas de estudos, etc. Lourdes lembra o que acontecia na UFV. O horário do grupo Sementes (13:00 até 13:50), um grupo de estudos bíblicos da RCC no campus da UFV. Lourdes que vivenciou este momento relata: *“na realidade da universidade, este é um momento de monitoria para as provas, as pessoas se preparam para as provas, então é um momento que você tem que optar, ou você vai para a monitoria da prova à noite, ou você fica rezando, louvando. O pessoal chamava a gente de doido: ‘ficar rezando para uma prova à noite!’, mas mesmo assim a gente rezava ali, ficava naquele encontro, e colocando no final: ‘quem tem prova hoje?’, aí a gente rezava por aquela pessoa também, era um vínculo, a pessoa ia, mas falava assim: ‘eu tenho isto para fazer’, a gente colocava naquele momento de oração, e realmente as coisas aconteciam. Eu várias vezes deixei a monitoria de lado e às vezes pegava o material, dava uma olhada mais ou menos, da pessoa que tinha ido, era mais ou menos aquilo, ou se não dava tempo de ver o caderno da pessoa que tinha ido, aí pedia realmente para o Espírito Santo que era aquilo mesmo que tinha que estudar. É uma coisa impressionante, é obra de Deus mesmo, (...) o Espírito Santo já te dava a localização para você, já te dava toda a*

idéia do estudo, então nem precisava se matar no horário, este tempo você podia fazer muita coisa para Deus, isso não é só eu que conto, muitas pessoas lá têm este testemunho...”

Kátia, antes de ingressar no curso de ciências sociais, diz que ouvia de seus amigos carismáticos: *“vai dar um nó na sua cabeça, esse pessoal das ciências sociais é tudo louco (...) aquele preconceito de sempre, mas eu imaginei, ‘eu não posso ir com este preconceito, eu tenho que ver, aprender, depois de tudo, eu tiro o que for bom para mim’.* Aí eu comecei a estudar sociologia, eu acho que não é excludente, eu acho que o que eu estudo nas ciências sociais é base para eu pensar melhor tudo aquilo o que vivi até hoje na minha religiosidade. Por exemplo, o ecumenismo. Quando você estuda antropologia, a questão da alteridade, aliás não é só o ecumenismo, mas o diálogo inter-religioso, por exemplo, como a RCC às vezes tem pregado sobre falsas doutrinas, fala que o espiritismo é uma falsa doutrina, eu penso: *‘eu sempre aprendi que o espiritismo é errado’.* Mas eu estudando a antropologia eu posso entender, não considerar errado, mas é só uma opinião diferente da minha, que eu posso não acreditar”.

Da mesma forma, Davi diz acreditar nos preceitos científicos, mesmo que sejam contra ao que preconiza a fé, e afirma: *“tem muitas coisas que acontecem que a ciência explica, e que pela fé você não chega a lugar nenhum; é a ciência que vai explicar; eu necessito das duas [fé e razão] para poder caminhar. Eu penso assim – tem os dogmas da Igreja que são verdades universais, mas tem muita coisa que não é, então a gente fica duvidando, e não é duvidar de uma coisa que está escrita na Palavra de Deus, mas em alguma coisa que uma pessoa*

falou, ou algum padre, não é porque ele falou que está totalmente certa, o padre no caso, porque ele é uma pessoa humana também, ele pode errar no que está falando, e duvidar eu diria que não é errado, é bom porque você reflete sobre aquilo, pode chegar nas suas próprias conclusões, é bom você fazer esse caminho na sua cabeça”.

Se esta condição de estar no interior da universidade gera ao GOU uma particularidade de demandas nas orações carismáticas, tanto mais particular e autônoma poderá ser visto as pretensões (“sonho”) deste grupo. Helena (Entrevista, Franca, 17/04/2004), participante do GOU há muito tempo, diz: *“a gente entende que a universidade forma pessoas que vão estar de alguma forma com algum destaque na vida futura. Se você vê a folha do Congresso, eu não sei o atual, mas se você pegasse a folha do Congresso do FHC, 82% era formado por pessoas que tinham uma formação universitária. Os prefeitos, a maioria têm formação universitária, os vereadores, as pessoas que definem as leis, os juristas, então você pega essas pessoas que têm algum poder de serem agentes transformadores da sociedade, todas passaram pela universidade. Que bom seria se a gente tivesse agentes transformadores da sociedade que aliadas aos seus conhecimentos, ao seu bom nível técnico, elas pudessem ter também valores evangélicos. (...) A gente acredita ainda que os grandes transformadores da sociedade, com uma visão evangélica, podem realmente fazer uma diferença”.*

Em termos práticos, espera-se que isto aconteça da seguinte forma: *“se eu sou médico”, diz Helena, “eu tenho que necessariamente abrir fronteiras e atender a população de graça? Será que é só isso que me dá um valor*

evangélico? Se eu exercer um alto cargo no ministério da saúde, também ali não pode ser um exercício evangélico, tão importante quanto atender uma população de graça?!”.

Por conta disto, *“hoje a RCC começa a olhar com outros olhos o meio universitário”,* atesta Ana pois, *“a RCC começou a perceber esta necessidade de evangelizar o universitário, porque eu posso estar nesta universidade aqui e posso estar convivendo com um futuro presidente, queira ou não, é o futuro do nosso país; é aqui que vai sair o futuro presidente, ministro da saúde, do trabalho, senador, prefeito, é do meio universitário... então imagine que durante quatro anos este futuro presidente teve um contato com o GOU?!”.* Outra coisa importante, completa Ana, *“quando a pessoa entra na universidade, por mais que ela tenha a sua comunidade, acontece um afastamento natural do jovens, por conta de estudar de sábado, trabalhar, etc, há um afastamento natural. Havia este afastamento e ele não voltava, perderam-se muitos jovens da Igreja, porque não teve este contato com o Grupo de Oração Universitário, foi isso que a gente sentiu esta necessidade de evangelizar o meio universitário, hoje a RCC tem olhado com muito bons olhos evangelizar na universidade – é o futuro do nosso país. Eu vejo o pessoal da Pedagogia que ia no GOU, eu dizia: glória Deus que vocês estão vindo aqui, Deus precisa de muitos professores para a causa dele”.*

De outro lado, espera-se que o universitário carismático, ao sair da universidade, vá para algum posto de liderança da RCC, como já apontado. Ana acredita *“que hoje a Igreja está muito mais flexível a aceitar o PUR, porque estão*

conhecendo muito mais o que é o PUR. (...) A própria Igreja vê esta necessidade. A maioria do pessoal que participou do GOU, hoje está à frente de algum movimento da RCC”, afirma.

Carla acredita que o GOU deve atuar de forma imprescindível na universidade. Ela afirma: *“a gente vê pessoas que passam pela universidade, conhecem a fé católica um pouco diferente do que tinha conhecido até então, quando saem de lá buscam as paróquias para trabalhar, buscam uma atuação dentro da RCC, ou em outros movimentos”.*

Em resumo, nas falas referentes a uma *identidade carismática na universidade*, e também no sentido de que o GOU é um espaço para *reconstrução das relações familiares*, nota-se que a base é a *fé*. Ou seja, diz respeito à manutenção intimista da presença do Espírito Santo, através de uma relação individualizada com Deus. Esta base de fé segue o sentido da lógica na “transferência das razões de decisão para um plano fora da racionalidade” (Prandi,1997:49). Em sentido paralelo, mas com base na racionalidade, as falas pautadas por uma ação carismática de *postura acadêmica/ técnico especializada*, e os anseios para uma *inserção política em lideranças sociais do país*, manifestam os elementos centrais do “sonho” do GOU. Por fim, mais do que um simples projeto de movimento religioso, vê-se que o GOU contém um *Projeto de Igreja/RCC*: ser o espaço que possibilite os filhos da Renovação Carismática continuarem a vivência da fé carismática, e também cuidar que o futuro “presidente”, e lideranças políticas do país (que certamente está no meio universitário), por exemplo, tenham contato com esta fé carismática do GOU. No

limite, o GOU tem servido como base de formação para um corpo carismático de ponta: uma *elite carismática* política e religiosa.

O “sonho” do GOU além-fronteiras

Em sua trajetória de 10 anos, a expansão do PUR nas universidades brasileiras é seguida atualmente de uma dupla expansão além-fronteiras, como iremos sublinhar. A primeira diz respeito a uma expansão além dos limites da universidade, com uma espécie de continuação do GOU chamado GPP – Grupo de Partilha de Profissionais, ou também, como pode ser designado Grupo de Partilha e Perseverança. A segunda expansão trata-se de contatos e iniciativas com universitários de instituições fora do país, especialmente países da América Latina. O lema firmado no ENUCC das comemorações dos 10 anos foi: “Um Sonho de Amor para o Mundo”.

Uma breve referência ao GPP deve ser feita nesta análise³. Se o GOU pode ser considerado o espaço de continuação das práticas carismáticas dos estudantes quando chegam na universidade, o GPP é a continuação dos universitários carismáticos já formados. Contrariando as expectativas de ver a atuação de universitários do GOU em postos de liderança e alto comando nas

instâncias políticas do país, as evidências mostram a atuação dos universitários do GOU ainda mais voltados para dentro da própria RCC. Numa direção estritamente inclusiva, os universitários saem do GOU e aportam no GPP. Em fevereiro de 1998 um grupo de recém-formados se reuniram no escritório da RCC de Belo Horizonte para aventar as primeiras idéias deste Grupo de Partilha.

A justificativa bíblica foi a mesma: “Como na multiplicação dos pães, este grupo via-se diante da ‘multidão faminta’ e, como os apóstolos, num primeiro momento, titubeou em assumir a missão que lhe era confiada. Mas, todo milagre de Deus se renova àqueles que ofertam, inclusive, o nada ter” (2004:227), diz Brune Montalvão, em depoimento no livro “Dai-lhes vós mesmos de comer”, de Ivna Sá dos Santos. A intenção de serem os arautos da transformação da sociedade pela ação restrita do Espírito Santo é mais nítida no GPP.

Carla, que já tem um contato com o GPP diz: *“as bases do GPP são os carismas da RCC; a diferença é que no GOU isso é abordado de uma forma, no GPP é abordado de outra forma; o GPP não é um grupo de oração, é um grupo onde as pessoas rezam, louvam, oram em línguas, mas com particularidades muito distintas do GOU; é uma coisa... eu não sei se fechada é a palavra certa. O GPP não acontece numa universidade, ele aconteceu alguns anos atrás numa universidade. (...) As reuniões são feitas nas casas dos participantes, agora eles estão querendo ir para uma paróquia, porque é um lugar mais aberto para as pessoas”*. Comparando o GOU e o GPP, Carla aponta: *“no GPP eles estudam*

³ Não foram feitas entrevistas com os profissionais carismáticos que compõem o GPP, pois a ênfase da pesquisa não é esta. Eles possuem uma dinâmica religiosa carismática própria.

mais documentos, o GOU seria o kerigma, que é o primeiro anúncio, e a partir dali as pessoas vão estruturando sua fé da forma como vão descobrindo. Então o GOU seria uma coisa um pouco mais ampla, e o GPP seria uma elaboração disto”.

Em 2001 foi criada a Comissão Nacional de Formados, com a coordenação de Ivna Sá dos Santos. Atualmente esta comissão é formada por membros de Minas Gerais, São Paulo, Paraná, Goiás, Tocantins, Alagoas e Rio de Janeiro.

A respeito do que se espera do GPP, Montalvão entusiasticamente assegura:

“Que ele seja uma resposta permanente e inarredável de todo o Bem que pudemos vivenciar no PUR, como mais um sinal da eterna misericórdia de Deus. Assim como o Jean Valjean, de Victor Hugo (Os Miseráveis), seduzidos pela Luz, que busquemo-La em todos os momentos, colocando-nos sempre na via da correção. Todo o mais será construído pelo caminho e, eu, aqui, me recuso o papel de ‘pressagiador’. Partilharei em diálogo cotidiano com minha comunidade local, comunidade estadual, comunidade nacional e, para o futuro, internacional” (2004:233).

A expansão do GOU para fora do Brasil começou através de um contato de Ivna Sá dos Santos, com a mexicana Alicia Ortiz, durante um curso de comunicação pastoral realizado pelo CELAM (Conselho Episcopal Latino Americano), na UNISINOS, em São Leopoldo/RS. Neste curso, haviam pessoas

de diferentes países da América Latina: México, Peru, Argentina, Colômbia, Chile, Bolívia Uruguai, Brasil.

Voltando para o México, a irmã Alicia leva consigo levou um “kit-PUR”, que Ivna lhe ofertou. Neste kit, havia uma cartilha do PUR, folders, documentos da Igreja sobre evangelização universitária, e uma carta de próprio punho da Ivna. Tempo depois, Ivna recebe o primeiro contato de um universitário mexicano. Era Jorge Vasquez, estudante de medicina da Universidade de Vera Cruz. Em abril de 2000, Ivna e outros dois membros do PUR foram até o México conhecer a iniciativa o GOU neste país. No V ENUCC de 2000, Jorge e Lino, os universitários que iniciaram o GOU no México, vieram para o Brasil.

Outra iniciativa de expansão internacional aconteceu por conta de outra viagem que Ivna fez ao Peru, em abril de 2001, para participar do I Encontro do PUR entre 12 e 15 de abril de 2001, na cidade de Lima. Para dar conta dos trabalhos e contatos internacionais, foi criada a comissão de assuntos internacionais do Projeto, chamada PUR-Mundo tem como responsável Pedro (Entrevista, Campinas, 06/04/2005), um peruano, doutorando em engenharia elétrica na Unicamp.

A iniciativa do PUR no México não prosseguiu, *“as lideranças não conseguiram renovar-se, eles mudaram de cidade por causa do trabalho, então ficou um pouco apagado”*, acusa Pedro. No Peru também não foi possível a continuação do PUR, pois as lideranças do GOU no Peru, relata Pedro, *“quiseram trabalhar um pouco independentes do grupo de jovens, entraram um pouco em discordância. Aí o responsável pela Renovação com o ministério de jovens,*

decidiram colocar essas pessoas em outros serviços, e reestruturaram o trabalho com a universidade a partir de uma iniciativa do ministério de jovens. O ministério de jovens escolhe servos para missões em determinadas universidades, é um trabalho mais acompanhado”.

Comentando os trabalhos do PUR-Mundo, Pedro avalia que atualmente a comissão tem se voltado para elaborar *“uma base de dados das lideranças dos ministérios de jovens da América Latina, com o objetivo de começar a partilhar com eles sobre o Sonho, partilhar o trabalho que fazemos aqui, motivá-los para iniciarem um trabalho com universidades. (...) Eu conversei com quase toda liderança da América Latina. Com Espanha também, via e-mail, mandei um material para lá, mas o ministério de jovens lá é muito pequeno, a prioridade deles é fortalecer o ministério de jovens, daí partir para outras iniciativas”*, diz Pedro.

Uma tentativa de iniciar atividades do GOU na Itália foi feita por um universitário de Bauru, que esteve cursando uma especialização lá. Mas não houve nada além da divulgação do PUR. Vitor (Entrevista, 01/04/2005) relata sua iniciativa: *“Faltou apoio de pessoas preparadas para poder estar à frente e com conhecimento nos carismas do Espírito. As que estavam preparadas que encontrei estavam muito sem tempo, não por falta de vontade deles, mas por outros compromissos inadiáveis e pessoais. O que consegui efetivamente foi uma reunião com alguns professores e os que seriam que estariam à frente desse grupo. Após explicar os motivos do PUR e de fazer uma amostra da reunião, eles gostaram muito e entenderam a necessidade. Mas ficou por aí. Não houve mais*

um momento em que pude reunir-me com os outros para poder colocar em oração o movimento e efetivar. No entanto, sempre rezava com um grupo que participava da Capela Universitária de São Vigílio. Nesta capela tinha um grupo de jovens universitários considerável (cerca de 50 pessoas) as quais tinham como principais atividades o coro (muito difundido e cantado nas missas) e reuniões festivas cerca de uma vez ao mês. Sem querer ir contra nada e indo a somar, o grupo de amigos que fiz ali, rezávamos procurando viver a espiritualidade e cantávamos e rezávamos no meio das ruas”.

Há um foro de debates *on-line* da comissão PUR-Mundo com falas prioritariamente em espanhol, que tem cadastrado participantes de vários países da América Latina. Neste espaço de divulgação e notícias, são apresentadas novas iniciativas do GOU em outros países, como por exemplo, a iniciativa de GOU no Paraguai, e também o interesse de um professor universitário de Lisboa-Portugal, em conhecer melhor o PUR.

A comissão PUR-Mundo é formado por universitários com certa fluência em várias línguas (inglês, francês, alemão, espanhol), que deverão ser, em um curto período de tempo, uma base de pregadores de divulgação internacional do PUR. Outra iniciativa importante deste grupo é a tradução de todo material para outros idiomas. Esta comissão também tem organizado e motivado universitários do GOU para que possam estar presentes na Jornada Mundial da Juventude, que é o encontro do Papa com os jovens católicos de todo o mundo. O próximo encontro será na cidade de Colonia-Alemanha, no segundo semestre de 2005. A comissão PUR-Mundo espera poder fazer uma divulgação internacional

mais concreta neste evento, e também estabelecer contatos com vários países, especialmente da Europa.

Para o desenvolvimento das atividades do PUR-Mundo, e conseqüentemente para sua incipiente expansão mundial, Pedro faz a seguinte avaliação: *“o PUR sempre se caracterizou por sua independência, e agora que estamos procurando o equilíbrio, todo Projeto se uniu mais à RCC. Nós queremos sim trabalhar em conjunto, tanto que facilita muito. (...) O primeiro problema que eu tenho quando entro em contato com outra liderança, é que querem saber do respaldo que eu tenho do meu coordenador nacional. Em setembro vai ter um evento no Paraguai de todo Cone Sul. (...) Falamos com o comitê organizador, e eles mandaram a resposta que nós tínhamos que fazer uma tarefa através do nosso coordenador nacional. Aí a gente viu a necessidade de M.V. interagir mais com o nosso Projeto. Cada país que vai participar terá direito a dois pregadores, eu não sei se M.V. já designou os pregadores, nós vamos falar da idéia: ‘há possibilidade, caso já ter escolhido os dois pregadores, há outra possibilidade que você pode lutar por nós?’”.*

Se os universitários carismáticos do PUR têm se mostrado aguerridos na disputa por espaços estratégicos com a liderança da RCC no Brasil, por outro lado, demonstram também a mansidão para atrair mais universitários, querem ser “verdadeiros amigos”. *“Tenho contato direto com os calouros”, diz Pedro, “e eu vejo uma necessidade de pastoreio para eles, pois chegam perdidos, desejosos de conhecer as coisas... Precisamos de mais pessoas que*

observem isso, mais generosos de ter esta postura de levar Deus para estas pessoas. No ano passado em que eu comecei a dar aula, o que eu pretendo fazer é tentar descobrir quem são os católicos e fazer um convite mais pessoal. Ainda não fiz um convite geral, para guarda minhas postura de professor. Mas ainda quero ser o professor amigo para eles, e a medida que vão se aproximando...”

Conclusão

O que o “sonho” da evangelização católica carismática na universidade revela? Para responder de maneira conclusiva esta questão, antes observar-se-á a tarefa teórica que coube a esta pesquisa. Ou seja, propôs-se neste estudo entender como o Grupo de Oração Universitário traduz e atende uma necessidade pessoal do próprio universitário, bem como a justifica. Neste sentido, enquadra-se a intenção geral desta investigação lembrando as palavras de Émile Durkheim:

“Os ritos mais bárbaros ou mais bizarros e os mitos mais estranhos traduzem alguma necessidade humana, algum aspecto da vida, seja individual, seja social. As razões que o fiel dá a si próprio para justificá-los podem ser, e o mais das vezes o são, erradas; as verdadeiras razões não deixam de existir; é uma tarefa da ciência descobri-las” (2004 [1968]:148).

O fato mais notável no percurso da pesquisa foi observar um possível desencaixe de intenções e ações. De um lado, intencionalmente, o “sonho” do GOU exacerba o desejo de formar os Profissionais do Reino à luz da ação dos dons carismáticos. Com isso, espera-se que os universitários que passarem pelo GOU estejam atuando em suas áreas profissionais, especialmente as de liderança, ainda mais de *status* político, com a identidade da Renovação Carismática: o Espírito Santo. Mas, por outro lado, nota-se que em termos

práticos, nenhuma ação para concretizar esta intenção tem sido realizada. Não há universitários que estejam em postos de liderança do alto comando político do país. Embora possa ser alegado que o PUR ainda é muito recente (10 anos), todavia, a preocupação tem sido não a de conquistar espaços dentro do escopo destas frentes de lideranças, mas a de reivindicar participações em ministérios estratégicos da RCC, por exemplo, o Ministério Fé e Política. Logo, por outro lado, ao vislumbrarem que os postos de liderança política do país estão nas mãos de pessoas com instrução superior universitária, é para a própria RCC a quem o PUR está dizendo. Portanto, vê-se que o “sonho” do GOU responde a uma primeira necessidade social da formação de um corpo de fiéis carismáticos profissionais que darão suporte especializado nas mais diferentes áreas ao desenvolvimento da RCC.

Paralela a esta função, não menos importante, o GOU revela o “sonho” de ver a universidade repleta da doutrina de Jesus, na medida que ingressam na universidade a cada ano, mais jovens filhos de pais já católicos carismáticos. O GOU representa conseqüentemente, o espaço da preservação e continuidade dos preceitos carismáticos que estes universitários receberam na formação familiar, e que necessitarão no novo e turbulento início da vida acadêmica. Mais do que universitários convertidos que iniciem a participação no catolicismo carismáticos a partir da universidade, como a esmagadora maioria dos universitários do GOU é formada por jovens de origem católica carismática intensamente ativa, é possível afirmar que o crescimento do PUR é sintomático da expansão ao longo de quase 40 anos do movimento de Renovação Carismática, o

que não representa, como supostamente se imagina, uma nova expansão da RCC.

Em resumo, se o GOU tem sido eficaz na função de responder a esta necessidade pessoal dos universitários carismáticos, qual seja na manutenção de uma identidade carismática, segue-se inevitavelmente a sua segunda eficácia, que é a disputa de forças no interior da RCC, devido a sua elementar condição de formação dos profissionais e intelectuais para as bases da RCC. O resultado na combinação destas duas revelações do “sonho” do GOU será uma implacável disputa de forças no campo religioso brasileiro no futuro. Se a RCC é considerada indiscutivelmente um dos maiores movimentos católicos na atualidade, sendo um movimento de classe média, ter uma ampla gama de carismáticos que passaram pela universidade e mantiveram intactos os dons recebidos no batismo do Espírito Santo, certamente o “sonho” do GOU, com pretensões explícitas de ser a versão melhor elaborada de Duquesne, não terá sido em vão para uma possível reação na disputa de forças religiosas da Igreja Católica dentro do campo religioso brasileiro.

Bibliografia

ANTONIAZZI, Alberto. O sagrado e as religiões no limiar do Terceiro Milênio. In.: CALAMIN, Cleto (org.). **A sedução do sagrado: o fenômeno religioso na virada do milênio**. Petrópolis: Vozes, 1998, p. 11-19.

ANTONIAZZI, Alberto. Mudanças no panorama religioso no Brasil. **Boletim CNBB**. n. 753 e 754, pp.388- , nov./2004.

ARNAUT, Augusto Dias & MARQUES, Gabriel Ferreira. **Fátima altar do mundo: o culto de Nossa Senhora em Portugal** (Vol. 1). Porto: Ocidental, 1953.

ARNAUT, Augusto Dias & MARQUES, Gabriel Ferreira. **Fátima altar do mundo: história das aparições** (Vol. 2). Porto: Ocidental, 1954.

ARNAUT, Augusto Dias & MARQUES, Gabriel Ferreira. **Fátima altar do mundo: a imagem peregrina** (Vol. 3). Porto: Ocidental, 1955.

BENEDETTI, Luiz Roberto. **Os santos nômades e o Deus estabelecido**. São Paulo: Paulina, 1983.

BENEDETTI, Luiz Roberto. **Templo, Praça, Coração: A articulação do campo religioso católico**. 1988. 545p. Tese de doutorado. Faculdade de Filosofia Letra e Ciências Humana USP, São Paulo.

BERGER, Peter L. **O dossel sagrado: elementos para uma teoria sociológica da religião**. São Paulo: Paulinas, 1985.

BINGEMER, Maria Clara L. **Alteridade e vulnerabilidade: experiência de Deus e pluralismo religioso no moderno em crise**. São Paulo: Loyola, 1993.

BEYER, Peter. The religious system of global society: a sociological look at contemporary religion and religions. **Numen**. v.45, n.1, pp.1-29, 1998.

BEYER, Peter & ROSA, Victor Pereira. Globalização e religiosidade: leituras e conjunturas. In.: RODRIGUES, Donizete (org.). **Em Nome de Deus: a religião na sociedade contemporânea**. Porto: Afrontamento, 2004, pp.33-40.

BOURDIEU, Pierre. **A economia das trocas simbólicas**. São Paulo: Perspectiva, 1982.

BOURDIEU, Pierre. **O poder simbólico**. 4^a ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2001.

BRANDÃO, Carlos Rodrigues. Ser católico: dimensões brasileiras – um estudo sobre a atribuição de identidade através da religião. In.: SACHS, Viola (org.) **Brasil & EUA: Religião e Identidade Nacional**. Rio de Janeiro: Graal, 1988, pp. 27-58.

CARMARGO, Cândido Procópio F. de. **Católicos, protestantes e espíritas**. Petrópolis: Vozes, 1973.

CAMURÇA, Marcelo Ayres. A sociologia da religião de Danièle Hervieu-Léger: entre a memória e a emoção. In.: TEIXEIRA, Faustino (org.) **Sociologia da religião. Enfoques teóricos**. Petrópolis: Vozes, 2003, pp.249-270.

CARRANZA, Brenda. **Renovação carismática católica: origens, mudanças e tendências**. Aparecida: Editora Santuário, 2000.

CARRANZA, Brenda. Lógicas e desafios do contexto religioso contemporâneo. **Revista Eclesiástica Brasileira**. Petrópolis, v.LXV, n.257, pp.46-63, 2005.

Conferência Nacional dos Bispos do Brasil (CNBB). Orientações Pastorais sobre a Renovação Carismática Católica. **Documentos CNBB – 53 (1994)**. São Paulo: Paulinas, 2001. (4^a ed.).

CORDES, Paul Josef. **Reflexões sobre a Renovação Carismática Católica**. São Paulo: Loyola, 1999.

CRESPI, Franco. **A experiência religiosa na pós-modernidade**. Bauru: EDUSC, 1999.

DELLA CAVA, Ralph & MONTERO, Paula. **E o verbo se faz imagem: Igreja Católica e os meios de comunicação no Brasil – 1962-1989**. Petrópolis: Vozes, 1991.

DURKHEIM, Émile. O problema religioso e a dualidade da natureza humana. In. **Religião e Sociedade**. V 57, Petrópolis: Vozes, 1977.

DURKHEIM, Émile. **As formas elementares de vida religiosa: o sistema totêmico na Austrália**. trad. Joaquim Pereira Neto. São Paulo: Paulinas, 1989.

DURKHEIM, Émile. Algumas formas primitivas de classificação. In.: RODRIGUES, José Albertino. **Durkheim**. 9^a ed. São Paulo: Ática, 2004. (Grandes Cientistas Sociais, 1).

ELIAS, Norbert & SCOTSON, John L. **Os estabelecidos e os outsiders: sociologia das relações de poder a partir de uma pequena comunidade**. Rio de Janeiro: Zahar, 2000.

FICHTER, Joseph H. O que pensam os sociólogos. In.: **A Renovação Carismática dez anos depois: os líderes da RCC analisam o Movimento**. Tradução: Euclides Carneiro da Silva. São Paulo: Paulinas, 1976.

GEERTZ, Clifford. **A interpretação das culturas**. Rio de Janeiro: Zahar Editores, 1978.

HERVIEU-LÉGER, Danièle. Elementos da crise da linguagem doutrinal e querigmática da Igreja. **Concilium**. Petrópolis, n.85, p.542-554, 1973.

HERVIEU-LÉGER, Danièle. Sinais de um despertar religioso contemporâneo? **Concilium**. Petrópolis, n.89, p. 1051-1063, 1973.

HOUTART, François. **Mercado e religião**. São Paulo: Cortez, 2002.

LIBÂNIO, João Batista. O sagrado na pós-modernidade. In: CALIMAN, Cleto (org.). **A sedução do sagrado: o fenômeno religioso na virada do milênio**. Petrópolis: Vozes, 1998, pp. 61-78.

MACHADO, Maria das Dores Campos. **Carismáticos e pentecostais: adesão religiosa na esfera familiar**. Campinas: Autores Associados; São Paulo: ANPOCS, 1996.

MARIZ, Cecília Loreto. A teologia da batalha espiritual: uma revisão da bibliografia. **BIB**. n. 47, pp.33-48, set./1999.

MARIZ, Cecília Loreto. **Aparições da Virgem e o fim do milênio**. ANPOCS, 2000. Mimeo.

MARIZ, Cecília Loreto. A Renovação Carismática Católica no Brasil: uma revisão da bibliografia. In.: RODRIGUES, Donizete (org.). **Em nome de Deus: a religião na sociedade contemporânea**. Porto: Edições Afrontamento, 2004, pp.169-183.

MARTINS, Eliane. **“O mergulho no espírito de Deus”: diálogos (im)possíveis entre a Renovação Carismática Católica (RCC) e a Nova Era na comunidade de vida no espírito Canção Nova**. Dissertação de Mestrado, Programa de Pós-Graduação em Ciências Sociais (PPCIS), UERJ, 2003.

MATA, Vicente Borragán. **Como um vendaval: o Renovamento Carismático**. Lisboa: Pneuma, 1999.

MENDONÇA, Antônio Gouvea. Uma macro-reflexão sobre o campo religioso brasileiro: variações sobre dois temas "bourdieuanos"- a propósito da morte de Pierre Bourdieu (23/01/02). **Estudos de Religião**. São Bernardo do Campo, v.26, n.23, pp.22-40, 2002.

MICELI, Sérgio. A força do sentido. Introdução à **Economia das trocas simbólicas**. São Paulo, Perspectivas:1982.

MIRANDA, Julia. **Carisma, sociedade e política: novas linguagens da religiosidade e da política**. Rio de Janeiro: Zahar, 1999.

MITCHELL, Nathan D. Ritual e nova mídia. **Concilium**. Petrópolis, n.309, pp.95-105, 2005.

MONTALVÃO, Brune. Fazei de nós, Senhor, uma perfeita oferenda. In.: SANTOS, Ivna Sá dos. **Dai-lhes vós mesmos de comer**. Belo Horizonte, 2004.

MONTERO, Paula. Max Weber e os dilemas da secularização. O lugar da religião no mundo contemporâneo. **Novos Estudos CEBRAP**, São Paulo, n.65, pp. 34-44, março de 2003.

OLIVEIRA, Pedro A Ribeiro. **Renovação carismática católica - uma análise sociológica: interpretações teológicas**. Petrópolis: Vozes, 1978.

ORTIZ, Renato. Anotações sobre religião e globalização. **Comunicação e Política**. v.8, n.1, pp.165-176, 2001.

PACE, Enzo. Religião e globalização. Ing.: ORO, Ari Pedro & STEIL, Carlos Alberto. **Religião e Globalização**. Petrópolis: Vozes, 1999, pp.25-41.

PACE, Enzo. O futuro das religiões na Europa. **Religião e Sociedade**. Rio de Janeiro, v.19, n.1, pp.19-28,1998.

POEWE, Karla (org.) **Charismatic christianity as a global culture**. Columbia: University of South Carolina Press, 1994.

PRANDI, Reginaldo. **Um sopro do espírito**. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo: Fapesp, 1997.

PRANDI, Reginaldo. A religião do planeta global. In.: ORO, Ari Pedro & STEIL, Carlos Alberto. **Religião e globalização**. Petrópolis: Vozes, 1999, pp.63-70.

RAHM, Haroldo; LAMEGO, Maria. **Sereis batizados no Espírito**. São Paulo: Loyola, 1972.

RODRIGUES, Donizete. **The god of the new millennium: na introduction to the sociology of religion**. Lisboa: Colibri, 2002.

RODRIGUES, Donizete. O reencantamento do mundo: modernidade, secularização e novos movimentos religiosos. In.: _____ **Em nome de Deus: a religião na sociedade contemporânea**. Porto: Edições Afrontamento, 2004, pp.41-52.

RUUTH, Anders & RODRIGUES, Donizete. **Deus, o demônio e o homem: o fenômeno da Igreja Universal do Reino de Deus**. Lisboa: Colibri, 1999.

SANCHIS, Pierre. O campo religioso contemporâneo no Brasil. In.: ORO, Ari Pedro & STEIL, Carlos Alberto. **Religião e Globalização**. Petrópolis: Vozes, 1999, pp.103-115.

SANTOS, Ivna Sá dos. **Dai-lhes vós mesmos de comer**. Belo Horizonte, 2004.
SEGATO, Rita Laura. Formações de diversidade: nação e opções religiosas no contexto da globalização. In.: ORO, Ari Pedro & STEIL, Carlos Alberto. **Religião e globalização**. Petrópolis: Vozes, 1999, pp.219-248.

SOUZA, Luiz Alberto Gómez de. As várias faces da Igreja Católica. **Estud. av.** [online]. dez. 2004, vol.18, no.52 [citado 23 Fevereiro 2005], p.77-95. Disponível na World Wide Web: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0103-40142004000300007&lng=pt&nrm=iso>. ISSN 0103-4014.

STEIL, Carlos Alberto. Aparições marianas contemporâneas e carismatismo católico. In.: SANCHIS, Pierre (Org.). **Fiéis & Cidadãos. Percursos do sincretismo no Brasil**. Rio de Janeiro: Ed.UERJ, 2001.p. 117-146.

SUENENS, Cardeal Léon-Joseph. **Movimento carismático: um novo pentecostes**. Lisboa: Edições São Paulo, 1996.

SUENENS, Cardeal Léon-Joseph (org.) **O Renovamento Carismático Católico: orientações teológicas e pastorais. Documentos de Malines 1**. Lisboa: Pneuma, 1999.

TEIXEIRA, Faustino. Peter Berger e a religião. In.: _____ **Sociologia da religião. Enfoques teóricos**. Petrópolis: Vozes, 2003

VÁSQUEZ, Manuel. **Transnationalization and religious practices among Peruvian Christinas in Paterson-NJ**. Trabalho apresentado no XX Congresso de Latin American Studies Association.

VELHO, Otávio. Globalização: antropologia e religião. In.: ORO, Ari Pedro & STEIL, Carlos Alberto. **Globalização e religião**. Petrópolis: Vozes, 1999, pp.43-61.

WALL, Andrew. Christianity in the non-Western world: a study in the serial nature of Christian expansion. **Studies in world christianity**. 1, 1, 1995, p.1-25.

WEBER, Max. **Metodologia das ciências sociais, parte 2**. Campinas: Editora da Universidade de Campinas, 1992.

Universidades Renovadas. Um sonho de amor para a América. 2 a. Edição (julho de 200). Projeto Universidades Renovadas/RCC.